

NOVA HUMANIDADE EM CRISTO

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Ato dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Ato dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – Segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo o livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo o livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o Evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo. Entendendo o Evangelho de Lucas*
- *Deus conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o Evangelho de Mateus*
- *Permaneço no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o Evangelho de João*
- *Defesa da família: casa e terra. Entendendo o livro de Miqueias*
- *Para que n'Ele nossos povos tenham vida: "Anunciar o Evangelho e doar a própria vida" (1Ts 2,8). Entendendo a primeira carta aos Tessalonicenses*
- *"A Sabedoria é um espírito amigo do ser humano" (Sb 1,6): caminho para a justiça e a vida. Entendendo o livro da Sabedoria*
- *"Jesus Cristo veio na carne é de Deus" (1Jo 4,2). Entendendo a primeira carta de João*
- *A Lei em favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*
- *O Evangelho de Jesus Cristo crucificado: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Entendendo a carta aos Gálatas*
- *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*
- *Nova humanidade em Cristo. Entendendo a carta aos Efésios*

CENTRO BÍBLICO VERBO

NOVA HUMANIDADE
EM CRISTO

ENTENDENDO A CARTA AOS EFÉSIOS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Centro Bíblico Verbo
Rua Fernandes Moreira, 311/315 – Térreo
Chácara Santo Antônio
04716-000 – São Paulo-SP
Fone: (0xx11) 5187-1008
Fax: (0xx11) 5187-1009
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: *Shigeyuki Nakanose, svd*
Maria Antônia Marques

Ilustrações: *Sergio Ricciuto Conte*

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Gerente de design: *Danilo Alves de Lima*

Capa e diagramação: *Paulo Cavalcante*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-843-2

AGRADECIMENTOS

“Comportem-se segundo a dignidade da vocação à qual foram chamados” (Ef 4,1b). A carta aos Efésios contém várias exortações para a vivência cristã e um alerta contra outras doutrinas e outras forças contrárias ao projeto de Deus nas comunidades. O projeto de Deus é reunir todas as nações em Cristo. Somos chamados e chamados a viver a fraternidade universal e a filiação divina. Uma carta para ser lida e refletida pessoal e comunitariamente. Ler e deixar-se encantar com o mistério de amor realizado na cruz de Cristo, que entrega a sua vida por amor.

Nós lemos a carta aos Efésios com muitas pessoas que se entusiasmaram e perceberam na carta exortações que continuam desafiando a nossa vida cristã. Gratidão a todas as pessoas que nos ajudaram no estudo, na reflexão e na elaboração deste subsídio. Um agradecimento especial aos participantes dos estudos e aprofundamentos desta carta, realizados no mês de julho, sob a coordenação do Centro Bíblico Verbo, e em novembro, em Salvador (BA), sob a coordenação e apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.

Um agradecimento especial aos assessores Luiz Carlos Catapan e Luiz José Dietrich, pela leitura atenta, correções e sugestões. Muito obrigada às demais assessoras e aos assessores do Centro Bíblico Verbo: Agostinho Syukur, Antônio Carlos Frizzo, Heloísa Silva de Carvalho, Maria Gisele Canário e Raimundo

Aristide da Silva pelo apoio por meio das partilhas ao redor do texto.

Nos bastidores, temos a colaboração eficaz da secretária do Centro Bíblico Verbo, Joana Chuha, e o apoio dos membros funcionários e funcionárias da Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes; a todos vocês a nossa gratidão.

Estudar os textos que fazem parte da Bíblia renova nosso desejo de vivenciar melhor a Palavra de Deus, e cada pessoa que participa de nossas rodas de conversa fortalece a nossa caminhada. Que possamos renovar a nossa fé e a nossa esperança na presença de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, na certeza de que Deus é nosso Pai “que está acima de todos, que age por meio de todos e em todos” (Ef 4,6b).

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história;
- formar multiplicadores(as) da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração;
- ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir, junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades, textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na Pastoral, por exemplo: páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação, a cargo de PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS EFÉSIOS



NOVA HUMANIDADE EM CRISTO

Entendendo a carta aos Efésios

“É por isso que eu, Paulo, sou prisioneiro de Cristo em favor de vocês, as nações” (3,1).¹

“Por isso é que eu, o prisioneiro no Senhor, peço que vocês se comportem segundo a dignidade da vocação para a qual foram chamados” (4,1).

“Rezem também por mim, para que eu, quando abrir a boca, me seja concedida a Palavra e eu revele com ousadia o mistério do evangelho, do qual sou embaixador na prisão. Que eu fale dele com ousadia, como é meu dever” (6,19-20).

Há muito tempo, a carta aos Efésios (Ef), como também Filipenses, Colossenses e Filêmon, é comumente chamada “carta do cativo”, por dar a entender que Paulo se encontrava no cativo. Acredita-se que Paulo esteve preso em Roma, entre os anos 61 e 63, e pode ser que, nessa ocasião, tenha escrito a carta a seus seguidores e seguidoras da cidade de Éfeso, capital da província romana da Ásia Menor (hoje Turquia), para instruí-los no projeto (mistério) salvador de Deus e na vida comunitária em Jesus Cristo.

Entretanto, ao comparar Ef com as cartas protopaulinas (Rm, 1 e 2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm), surgem diferenças quanto ao estilo, vocabulário, teologia e orientação pastoral, levantando dúvidas quanto à autoria de Paulo.

¹ Importante: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é da carta aos Efésios. Os textos foram extraídos, em sua maioria, da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo, 2015.

Autor, destinatário e data

Os estudiosos apontam as seguintes características da carta aos Efésios:

- a) Vocabulário: Ef contém 86 termos que não se encontram nas cartas paulinas. Desses, 34 estão ausentes em todos os outros textos do Novo Testamento.
- b) Colossenses: entre as quatro cartas do cativo, a de Colossenses, dirigida à comunidade de Colossas (cidade da Ásia Menor), escrita por um colaborador de Paulo, é a mais parecida com Ef, tanto na forma quanto no conteúdo. Por exemplo, cerca de 25 termos são atestados unicamente nas duas cartas. Em ambas, Tíquico é mencionado como o portador (Cl 4,7; Ef 6,21). É muito provável que o autor de Ef tenha se inspirado em Colossenses, transformando-a em uma catequese de exortação, dirigida a um público mais amplo.
- c) Judeus e não judeus: em Ef, os judeus recebem um tratamento mais brando e acolhedor, diferente do modo como o grave conflito entre judeus e não judeus é descrito nas cartas paulinas, como em Filipenses: “Cuidado com os cães, cuidado com os maus operários, cuidado com os mutilados” (Fl 3,2). Aparentemente, na região onde Ef circulou, essa polêmica foi amenizada.
- d) Escatologia: Ef já não espera uma parúsia iminente, descrita por Paulo na primeira carta à comunidade de Tessalônica (cf. 1Ts), mas se empenha na exortação a seus fiéis para conservar a unidade e impulsionar os diversos serviços das comunidades dos seguidores e seguidoras

de Jesus (4,1-6,20). Historicamente, no fim do séc. I, a expectativa de uma volta imediata de Jesus Cristo enfraqueceu, e a Igreja precisava se movimentar e se organizar para seguir a vida (cf. 1 e 2Pd).

- e) As cartas católicas (Tg, 1 e 2Pd, 1, 2 e 3Jo, Jd): Ef tem relações significativas com essas cartas em termos de orientações sobre a segunda vinda de Jesus Cristo e do moralismo em relação à libertinagem. As cartas católicas são consideradas como posteriores a Paulo e foram escritas entre os anos 90 e 110 d.C.
- f) Aos efésios: a menção a Éfeso como destinatário falta em muitos manuscritos importantes de Ef, o que faz pensar em uma carta-circular aos cristãos da Ásia Menor, semelhante à prática do Apocalipse de João com as sete igrejas da província romana da Ásia, por volta do ano 90 d.C.

Esses dados nos levam a entender que Ef tenha sido uma carta-circular, dirigida a várias comunidades cristãs da região próxima a Éfeso, no fim do séc. I. São as comunidades formadas, sobretudo, por não judeus convertidos da segunda geração da Ásia Menor, região subjugada e explorada pelo poderoso império romano desde os séculos anteriores.

Conhecendo a realidade

O livro do Apocalipse de João, escrito no fim do séc. I, na Ásia Menor, descreve a exploração econômica da região pelos “mercadores da terra” (o império romano). Eles estavam explorando e levando a riqueza da terra para a capital do Império: “Carregamento de ouro e prata, de pedras preciosas [...] vinho e azeite, flor de farinha

e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas” (Ap 18,12-13).

A última frase, “cavalos e carros, escravos e vidas humanas”, aponta e simboliza o regime econômico e político do império romano: uma sociedade escravagista controlada por um exército poderoso e violento (Ap 6,1-8). A dominação começa com a terra: a maioria das terras da Ásia Menor pertencia ao Império, o que gerava cobrança sistemática dos impostos e o monopólio do comércio (Ap 13,11-18).

A maioria da população local estava submetida à escravidão devido à exigência de altos impostos, ao comércio abusivo e às muitas formas de violência. O duro trabalho nas fazendas (ovelhas), nas minas (prata, pedras preciosas) e nas fábricas (carroças e carros para serem puxados por cavalos) enfraquecia e empobrecia o povo. O sofrimento aumentava ainda mais com a dominação cotidiana do Império no ambiente social e cultural da Ásia Menor, com as seguintes características:

- a) O patronato: o sistema de patronato, ou clientelismo, funcionava como uma pirâmide e era caracterizado pela “troca” de favores entre as pessoas, criando uma verdadeira teia de influência e poder. Quando o patrono rico favorecia o cliente com menos poder ou riqueza, essa prática gerava dependência e submissão, porque a pessoa mais pobre se sentia grata e devedora de favores ao poderoso. O patronato permeava todas as relações dos membros da “família”: marido e esposa, pai e filho, patrão e escravo etc. (5,21-6,9). O Imperador, denominado como *pater patriae*, era a figura máxima da sociedade patronal. Ele controlava e submetia toda a população conquistada do império romano.

- b) A helenização baseada no dualismo da cultura helenista (Deus e o mundo): o Império alimentava o espírito da helenização ou romanização, marcado pela busca desenfreada de bens, prazer e honra, que provocava a libertinagem ética e social, causando ignorância, insensibilidade, paixão enganadora, mentira, injustiça, difamação, roubo, conflito, violência (4,17-5,30).
- c) A religião imperial: o poder do Império era legitimado pela implantação da religião oficial. O culto aos imperadores, por exemplo, era celebrado nos templos das cidades da Ásia Menor (Ancira, Pessinunte, Antioquia da Pisídia etc.), fortalecendo o domínio do Império via poder e carisma do Imperador, considerado divino. No culto, o evangelho, a “Boa-nova” de César Augusto, o senhor do Império e da terra, era proclamado exaltando o Império e o Imperador por estabelecerem na terra a paz e a salvação: a *Pax Romana*. O evangelho imperial era oposto ao de Cristo Jesus, por meio do qual Deus Pai revela seu mistério (projeto) de salvação (1,1-23; 3,1-13).
- d) O mundo cultural e religioso: os membros da Igreja, predominantemente gentios, eram convertidos de um ambiente cultural e religioso helenístico (greco-romano), marcado pelas religiões de mistério, magia, astrologia. Eles acreditavam que os maus espíritos, o diabo, o maligno e os poderes cósmicos habitavam nos céus e manobravam o mundo, os seres humanos e a história, provocando injustiça, violência e morte (2,1-3; 6,10-20).

O sofrimento do povo conquistado foi acentuado nos anos do reinado de Domiciano (81-96 d.C.), um

imperador arrogante que exigiu ser chamado de “Senhor e Deus”. Seus últimos anos foram marcados pelo terror (com muitas sentenças de morte, incluindo membros da própria família de Domiciano, e perseguição contra os cristãos) e por problemas econômicos, causando maior turbulência, exploração e violência contra a população da Ásia Menor.

Foi nesse mundo hostil que as comunidades cristãs jovens, recém-separadas do judaísmo (judeus cristãos expulsos da sinagoga: cf. Jo 9), deviam firmar-se, unir-se e manter a sua caminhada, pregando Cristo Jesus crucificado e praticando o amor ao próximo (3,14-22). Sobretudo os gentios convertidos deviam apropriar-se das virtudes de Cristo, livrando-se de suas vidas não cristãs, dos vícios e dos maus espíritos. E, para acrescentar, por volta do ano 90 d.C., os cristãos já não esperavam uma parússia iminente (2,5.8), mas se empenhavam em construir “moradas” neste mundo (Jo 14,23). A preocupação com a solidificação da Igreja e com a estabilidade da família cristã estava em primeiro lugar diante dos problemas do mundo.

Conhecendo os problemas

A carta aos Efésios não faz referência direta a problemas nem a situações concretas de uma comunidade específica. Entretanto, ao ler o texto, nas entrelinhas, surgem os problemas que um pequeno grupo de comunidades formadas ao redor da figura de Jesus Cristo na Ásia Menor enfrentava para manter sua sobrevivência, entre os quais a questão da terra explorada e dominada pelo império romano. As comunidades, a exemplo de Jesus Cristo, procurando viver o amor ao próximo, se chocavam com os valores do imponente mundo helenizado e hierarquizado em que estavam inseridas:

- a) Como os cristãos podiam acreditar e pregar um Messias crucificado (2,16)? Como acreditar que o mais esmagado e desprezado dentre os homens era o Filho de Deus que veio para dar sentido à vida e ao mundo, dominado pelo império romano, com seu Imperador considerado Senhor e Deus poderoso? Como os cristãos podiam usar o título *Senhor* para Cristo Jesus, um título reservado ao Imperador? Qual a posição de Cristo Senhor em relação a Deus Imperador e aos poderes cósmicos?
- b) Como a Igreja, com o evangelho de Jesus Cristo, oriunda da tradição judaica do povo de Deus (seu monoteísmo exclusivo), podia dar o “projeto salvador da graça de Deus”, o “mistério” (3,2-4), para todas as nações marcadas pelo projeto salvador da *Pax Romana*, com o evangelho do Imperador?
- c) Havia o grupo helenizado, com seu conhecimento – a *gnosis* nas comunidades (3,19; cf. Cl 2,1-8; 1Jo 2,18-3,24) –, que se interessava apenas por si mesmo, em sua alegação de ter uma liberdade superior, com uma espiritualidade vertical e, muitas vezes, desvinculada do compromisso social e comunitário.
- d) A maioria dos membros era de não judeus convertidos, mas havia também membros judeus (e antigos tementes a Deus) em seu meio, e o problema da relação entre eles ainda não havia sido resolvido (2,14). O fluxo dos novos convertidos não judeus nas comunidades criou algumas tensões significativas. Nesse contexto, como resolver a inimizade cultural e econômica para manter a unidade da Igreja?

- e) Em uma sociedade escravagista, a posição, o cargo e a função social das pessoas eram controlados pelo sistema patronal e patriarcal, tendo o Imperador como patrono e Pai, imperando relações de submissão e desprezo. Como a carta aos Efésios advertiu os membros para o perigo de desprezo e de conflito na Igreja por causa das diferentes funções de cada membro (4,16)?
- f) No mundo greco-romano, marcado pela helenização, os cristãos, sobretudo os gentios convertidos, encontram-se em perigo de retrocesso na vida moral e desvio da fé. Como conscientizar a comunidade sobre os perigos, como o moralismo da libertinagem (4,19)?
- g) Como as pessoas batizadas em nome de Jesus Cristo, com a ética da igualdade (Gl 3,28), assumem o “Código doméstico” (a lei da submissão) na família, a célula fundamental da sociedade patriarcal e escravagista daquele tempo (5,21-6,9)?
- h) As injustiças e as opressões eram praticadas pelos poderosos do mundo (6,12), dentro da realidade vigente da sociedade escravagista, na qual era quase impossível fazer uma mudança. Como Ef orienta os membros para lutar contra o mal personificado pelo diabo (Maligno), que seduz e se encarna nos poderosos do mundo?

Conhecendo a carta aos Efésios

A carta pode ser dividida em duas partes. A primeira é a parte doutrinal sobre o projeto salvador (o mistério) de Deus, realizado em seu Filho Jesus (1,3-14), desenvolvido na Igreja, que tem, como cabeça, Jesus Cristo soberano e crucificado (1,15-2,22), anunciado por Paulo

(3,1-21). A segunda é marcada pela exortação para dinamizar a vida cristã: viver na unidade (4,1-16), viver como filhos da luz (4,17-5,20), a família cristã (5,21-6,9) e a luta contra o mal (6,10-20).

Eis um possível esquema para a carta:

- a) Introdução – 1,1-2: saudação inicial.
- b) Primeira parte – 1,3-3,21: o mistério de Cristo soberano, cósmico e eclesial.
- c) Segunda parte – 4,1-6,20: a vida cristã na prática.
- d) Conclusão – 6,21-23: saudação final.

Mensagens principais

A carta aos Efésios acentua a importância da tradição e a função de Paulo: “A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça de anunciar às nações o evangelho da inesgotável riqueza de Cristo” (3,8). Trata-se de uma Igreja constituída de judeus e não judeus. O autor especifica apenas funções de direção e pregação: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (4,11), muito diferente das listas apresentadas nas cartas paulinas e do princípio da irmandade (cf. Gl 3,28; Rm 12,6-8; 1Cor 12,8-11).

É uma carta que nos mostra a importância que a figura de Paulo teve no seu tempo e nas gerações seguintes. Diante dos problemas existentes, as comunidades apelam para a autoridade do fundador. Uma questão importante que perpassa toda a carta é a unidade da Igreja, especialmente pela presença de grupos com outros projetos dentro da comunidade. Por isso, o autor estabelece a identidade de uma vida cristã em contraposição a outros modos de viver.

Com um olho nas comunidades da Ásia Menor no fim do primeiro século e outro em nossas comunidades,

vamos estudar esta carta-circular procurando misturar nossa vida com a Palavra de Deus. Propomos os seguintes temas:

Primeiro encontro: A salvação de toda a humanidade em Jesus Cristo (3,1-21). Aprendemos com nossas mães e pais, catequistas e outras lideranças religiosas, que todos somos filhas e filhos de Deus. Vamos rezar essa realidade e assimilar que a irmandade não combina com nenhuma forma de exclusão. Em Cristo Jesus, todos temos os mesmos direitos, não há mais muros de separação.

Segundo encontro: Unidade na diversidade (4,1-16). Em toda comunidade, há uma riqueza de dons. Somos chamadas e chamados a viver a irmandade, e todo cargo ou função que exercermos em nossa missão tem a única finalidade de servir e construir a unidade. As primeiras comunidades cristãs enfrentaram muitas divisões, em especial sobre a questão étnica. Nós também temos as nossas divisões e preconceitos. Precisamos gravar em nosso coração que a vocação cristã exige que mantenhamos a unidade, pois é o mesmo Deus que age em nós (4,6).

Terceiro encontro: A nova humanidade em Cristo (4,17-32). Uma pessoa cristã tem como compromisso atualizar a prática de Jesus Cristo para os tempos atuais. Queremos renovar nosso compromisso e gravar em nossos corações que toda pessoa batizada em Jesus Cristo é chamada a revestir-se dele, o que exige compromisso com a justiça. Pessoal e comunitariamente, somos chamadas e chamados a assumir, de maneira concreta, o cuidado amoroso com a vida ameaçada.

Quarto encontro: Amor, respeito e parceria entre mulheres e homens (5,21-33). Um texto que nos incomoda, especialmente quando lemos fora de contexto. Em uma sociedade na qual os mais fracos devem se submeter aos mais fortes, a carta exorta que todos sejam submissos uns aos outros. Mesmo mantendo o código da casa romana, o autor exorta o homem a amar sua mulher como a sua própria carne. Neste encontro, vamos rezar a realidade de mulheres e homens com direito à cidadania plena. Nossas relações em casa e na comunidade devem ser pautadas pelo amor, pelo respeito e pela reciprocidade.

Quinto encontro: Perseverar no evangelho do amor, da justiça e da paz! (6,10-20). O autor convoca a comunidade a preparar-se para combater as forças do mal e insiste: “Vistam a armadura de Deus” (6,11.13). Em nossas comunidades, há muitos empecilhos para uma verdadeira vivência cristã. Somos convidadas(os) a nos fortalecer e assumir uma vida pautada no evangelho do amor, da solidariedade e da justiça.

Que a leitura, a reflexão e a oração a partir da carta aos Efésios renovem nossa vocação cristã e possam impulsionar nossa missão. Que o Espírito de Deus continue iluminando os olhos dos nossos corações e revigore a nossa esperança na construção do Reino de Deus.

Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, pois será uma forma de reviver o espírito missionário das primeiras comunidades.

- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.
- A coordenadora, ou o coordenador, em todos os encontros, deve fazer uma acolhida carinhosa, dando especial atenção às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD “Chaves para entender a carta aos Efésios” – Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: A salvação de toda a humanidade em Jesus Cristo.

PERSONAGENS: O narrador e as comunidades.

TEXTO: Ef 3,1-21.

PALAVRAS-CHAVE: Nações, mistério de Cristo, Espírito, evangelho, graça, projeto salvador e amor de Cristo.

PERSPECTIVA: Compreender, à luz da Palavra de Deus, que em Cristo todos somos filhas e filhos de Deus, com cidadania plena, e que nada justifica toda e qualquer forma de exclusão.

“O mistério é que as nações participam da mesma herança, formam o mesmo corpo e compartilham a mesma promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho” (3,6).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso e nomes de pessoas ou grupos excluídos.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro e cartelas com as palavras-chave.

2. Acolhida

Dirigente: Neste mês, vamos nos encontrar para estudar, refletir e rezar a carta aos Efésios. Boas-vindas a todas e a todos. Que possamos, nestes encontros, vivenciar a Eucaristia na partilha da Palavra que sustenta a nossa vida cristã. Como filhas e filhos de Deus, somos convocados a viver a irmandade. Neste momento, podemos dizer nossos nomes e uma palavra que simboliza a nossa marca na comunidade. *Concluir este momento com um canto escolhido pelo grupo.*

Dirigente: Peçamos a Deus a graça de compreender seu projeto de amor universal que se realiza em Cristo Jesus. Que o Espírito de Deus nos fortaleça em nossa missão cotidiana, ajude-nos a olhar as pessoas ao nosso redor e aumente a nossa sensibilidade para acolhê-las como irmãs. Que Cristo possa habitar em nossos corações, gerando gestos de amorosidade e cuidado com a vida. Vamos repetir, em voz alta, o tema do encontro: *A salvação de toda a humanidade em Jesus Cristo.*

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: A fome no Brasil é um escândalo, pois não falta alimento, e sim justiça social. Andando pelas ruas de nossas cidades, grandes ou pequenas, encontramos muitas pessoas miseráveis, e muitas reviram

o lixo à cata de algum resto de alimento. Realidade que nos inquieta, e, para não ver, viramos o nosso rosto. A cada dia, cresce o abismo entre ricos e pobres: apenas oito pessoas possuem a mesma riqueza que mais da metade da população mais pobre do mundo (4,7 bilhões de pessoas). Fome, pobreza, doença, falta de acesso à educação, à moradia, à saúde, ao lazer são realidades vivenciadas por milhões de pessoas. Essa realidade é negação do projeto salvador de Deus em Cristo Jesus.

Dirigente: Quais as realidades de exclusão em nossa comunidade, em nosso bairro e em nossa cidade? Como somos sensíveis à realidade das pessoas que vivem ao nosso redor? *Tempo para a partilha.*

Encerrar este momento com o canto “Eu vim para que todos tenham vida”. Se preferir, o grupo poderá sugerir outro:

Eu vim para que todos tenham vida.

Que todos tenham vida plenamente.

Reconstrói a tua vida em comunhão com teu Senhor.

Reconstrói a tua vida em comunhão com teu irmão.

Onde está o teu irmão, eu estou presente nele.

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: *Situando o texto*

No tempo dos primeiros cristãos, havia vários projetos de salvação, anunciados como “boas notícias” (evangelho): a) O evangelho do Imperador romano prometia a prosperidade e a paz através do poder do exército, dinheiro e deuses imperiais, oprimindo os povos dominados, os pobres e os escravos; b) As autoridades judaicas anunciavam a salvação de Deus pela observância da lei da pureza e da teologia da retribuição, excluindo

os impuros (pobres, doentes, estrangeiros); c) O grupo cristão helenizado (espiritual) pensava que a salvação anunciada pelo evangelho estava no conhecimento ou *gnósis* (3,19; cf. Cl 2,1-8). Para estar em comunhão com Deus, bastava ter um esclarecimento racional e espiritual e se interessar apenas por si mesmo, em sua alegria de ter uma liberdade superior, desvinculada do compromisso social e comunitário, sobretudo com os pobres (1Jo 2,18-3,24) etc. Porém, ao invés de excluir os pobres e os estrangeiros, os cristãos de verdade deviam anunciar e promover o projeto (mistério) da salvação, anunciado pelo evangelho de Jesus Cristo crucificado, visando salvar toda a humanidade, através da prática do amor ao próximo.

5. Leitura do texto

Dirigente: Pisando a terra sagrada das primeiras comunidades cristãs e também o chão de nossas comunidades, peçamos ao Espírito de Deus que abra nossos corações para entender e vivenciar a sua Palavra. **Sugestão de canto:**

É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa. Tua palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal. Tenho medo de não responder, de fingir que não escutei. Tenho medo de ouvir teu chamado, virar do outro lado e fingir que não sei.

Leitora ou leitor 3: Ler Ef 3,1-21.

Dirigente: Para conversar

- a) Qual é o projeto salvador de Deus em Cristo Jesus?
- b) Quais as consequências de acreditar em Cristo Jesus?

- c) O que significa pedir que o Espírito de Cristo habite em nossos corações?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Em seu infinito amor, Deus manifesta o seu projeto de salvação a toda a humanidade. Todas as pessoas, independentemente da etnia, religião, gênero e sexo, em Cristo, são chamadas a viver a irmandade. Que em todas as pessoas habite o amor de Cristo. A opressão, a exclusão, a discriminação e outros males são a negação da fraternidade. Em Cristo, somos chamadas e chamados a vivenciar a filiação divina e a fraternidade universal.

- a) Como nós e nossas comunidades estamos engajados no compromisso com os empobrecidos?
- b) Como estamos saciando a fome das pessoas que vivem à margem da sociedade?
- c) “Não há forma de celebrar a Eucaristia sem vivenciá-la concretamente. A vivência é a partilha.” Como estamos celebrando a Eucaristia?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos fechar nossos olhos e pensar nas realidades de exclusão que existem ao nosso redor. Pensemos também nos momentos em que excluímos pessoas do nosso convívio. Em seguida, vamos repetir o tema do encontro e, a partir das cartelas, rezar as realidades de exclusão que existem em nossas comunidades ou em outros espaços sociais. *Tempo para as preces.*

Dirigente: No desejo de que possamos vivenciar aqui o Reino de Deus, reafirmemos nosso compromisso

de deixar que, pelo Espírito, Cristo habite em nossos corações. Rezemos o Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ef 4,1-16, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

Trazer um símbolo que represente a função ou serviço que você desempenha na comunidade.

9. Gesto concreto

Ser mais sensível às pessoas que enfrentam situações de exclusão, por meio de um telefonema, uma visita ou um diálogo na irmandade.

10. Bênção final

Dirigente: Que a graça de Deus e o amor de Cristo, pelo Espírito, habite em nossos corações.

Todas(os): Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: *O mistério de Cristo revelado por meio do evangelho*

A carta aos Efésios (Ef), usando a autoridade de Paulo, confirma que o mistério de Cristo, o projeto salvador de Deus, foi revelado por meio do evangelho: “E o mistério é que as nações participam da mesma herança, formam o mesmo corpo e

compartilham a mesma promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho” (3,6).

O termo grego *euangelion*, “evangelho”, significa “boas notícias” ou “boa-nova” e, antes do movimento de Jesus, já era usado pelo império romano: os arautos, funcionários encarregados de divulgar os decretos, as campanhas, as vitórias e os avanços do Império, partiam de Roma para todas as principais cidades e, quando lá chegavam, iniciavam o seu anúncio com as palavras: “‘Boa-nova’ de César, filho de Deus, ao povo da cidade”. O evangelho do Imperador, com a *Pax Romana*, era a propaganda para impor e legitimar o poder e a dominação do Império. Tudo o que reforçava o poder ou aumentava a riqueza do Imperador era apresentado como *euangelion* ao povo.

No movimento de Jesus, o uso do termo “evangelho” tornou-se mais comum e adquiriu um sentido mais definido em Paulo, por volta do ano 65 d.C.:

- a) “Como está escrito: ‘Como são belos os pés dos que anunciam boas notícias!’ Mas nem todos obedeceram ao evangelho. De fato, Isaías diz: ‘Senhor, quem acreditou em nosso anúncio?’ Portanto, a fé vem daquilo que ouvimos, e o que ouvimos vem por meio da palavra de Cristo” (Rm 10,15-17). Paulo cita Is 52,7, no qual o Segundo Isaías profetiza que os mensageiros acorrerão ao país para anunciar “boas notícias” da paz (salvação); Javé inaugurará o seu reinado da paz, da justiça e da graça. Na construção do Reino de Deus, acontecerá “a libertação dos escravos e a liberdade dos prisioneiros” (Is 61,1). O evangelho da paz, na palavra de Paulo, pode

ter sido uma crítica contra o evangelho do Imperador romano, com a “Paz Romana”.

- b) “Fico admirado de que vocês, para seguirem outro evangelho, tenham abandonado tão depressa aquele que os chamou mediante a graça de Cristo. Não existe outro evangelho” (Gl 1,6-7). Paulo enfrentou o grupo judaizante, que pregava o evangelho da salvação pela observância da Lei (circuncisão, leis alimentares etc.). Era a lei da pureza que primava pela distinção entre puros e impuros, criando a segregação contra o pobre, doente e estrangeiro: “outro evangelho”. Paulo insiste que o verdadeiro evangelho é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, que pregou e praticou a justiça e deu a sua vida na cruz, por puro amor ao próximo: o evangelho de Jesus Cristo crucificado (Gl 1,3-5; 3,8-14; Rm 5,8). Ser cristão, por isso, é viver no amor de Jesus Cristo crucificado, e não na escravidão da Lei.

Mais tarde, por volta do ano 90 d.C., o autor de Ef, seguidor de Paulo, utiliza o termo “evangelho” na influência formadora de seu mestre Paulo. Em Ef, transparecem o evangelho da paz e o evangelho de Jesus Cristo crucificado. Quanto ao evangelho como o anúncio da paz na tradição de Is 40-66, o autor o menciona na exaltação pela luta cristã contra o espírito maligno que domina os poderosos do mundo (6,10-20):

Fiquem firmes, portanto. Usem na cintura o cinturão da verdade. Vistam a couraça da justiça. Calcem os pés com a prontidão para o evangelho da paz. Estejam sempre com o escudo da fé, pois com

ele vocês conseguirão apagar as flechas inflamadas do Maligno (6,14-16).

A vida cristã é luta contínua contra o mal para estabelecer a paz na terra. Como Paulo, arauto da “boa-nova” (evangelho) da paz (Rm 10,13-15), o grupo de Ef exorta seus fiéis a anunciar e praticar o evangelho da paz, com a verdade, a justiça e o Espírito (6,14.17).

O evangelho de Jesus Cristo crucificado é também salientado em Ef. Como no tempo de Paulo, o grupo de Ef ainda enfrentava o problema dos cristãos judaizantes, que assumiam uma prática mais tradicional, pregando um evangelho subordinado às tradições judaicas, como circuncisão e leis alimentares (2,11), e criando o “muro de separação” entre os judeus e os gentios. Como Paulo em Gl, Ef descreve que o verdadeiro evangelho é o próprio Cristo: “Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o evangelho da salvação de vocês” (1,13). Ainda, este Cristo deve ser Jesus Cristo crucificado para destruir o muro:

De fato, Cristo é a nossa paz! Ele que, de dois povos, fez um só, destruindo em sua própria carne o muro de separação, a inimizade, a Lei dos mandamentos expressa em preceitos. Isso ele fez para criar em si mesmo, de dois povos, um só Homem Novo, estabelecendo a paz. E para reconciliar os dois com Deus num só Corpo, por meio da cruz, destruindo nela a inimizade (2,14-16).

A maioria dos membros era de não judeus convertidos, mas havia também membros judeus (e antigos tementes a Deus) em seu meio, e o problema da relação entre judeus e não judeus ainda persistia. Se antes os não judeus viviam distantes e sofriam com o muro

de separação pela lei da pureza, agora são aproximados pelo “sangue de Cristo” (2,13) para viverem em paz: “Portanto, vocês dessa forma já não são estrangeiros e forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus” (2,19).

Ainda, no fim do séc. I, cresceu outro problema nas comunidades cristãs: a presença de cristãos influenciados pelas “religiões gnósticas”. A carta aos Colossenses já havia alertado contra eles: “Tomem cuidado para que ninguém os escravize com filosofias enganosas e vazias, baseadas em tradições humanas e elementos do mundo, e não em Cristo” (Cl 2,8). Eles insistiam no conhecimento da divindade através apenas de esforços humanos, com raciocínios filosóficos.

Os cristãos gnósticos pensavam que a salvação anunciada pelo evangelho estava no conhecimento ou *gnósis*. Bastava ter um esclarecimento racional e espiritual, para estar em comunhão com Deus. Eles substituíam a prática concreta do amor ao próximo, a essência do seguimento de Jesus Cristo crucificado, por rituais e conhecimentos espirituais desligados da vida prática. Eles se interessavam apenas em si mesmos, em sua alegação de ter uma liberdade superior, desvinculada do compromisso social e comunitário.

Como Ef, em especial no terceiro capítulo, insiste no conhecimento do mistério de Deus através de Jesus Cristo (3,1-13), é provável que a carta esteja prevenindo contra o movimento da gnose, que desconsidera a prática do amor de Jesus de Nazaré. O simples conhecimento (3,19), a gnose, não pode realizar o projeto salvador de Deus; só o amor gratuito e infinito, vivenciado a partir de Jesus Cristo crucificado, pode revelar e planificar os cristãos na construção do Reino da Vida.

Ef 3 descreve o mistério de Cristo, o projeto salvador de Deus, por meio do evangelho. Salientando o

evangelho como o anúncio da salvação de Jesus Cristo, talvez Ef esteja prevenindo contra outros evangelhos: o evangelho da *Pax Romana*, o do grupo judaizante e o do grupo gnóstico. Eles estavam prejudicando a caminhada cristã da nova comunidade em busca da fraternidade e da paz.

Comentando o texto: *Ef 3,1-21 – O mistério de Deus, o evangelho e o amor de Cristo*

O autor de Ef apresenta o mistério de Cristo, o projeto salvador de Deus, usando a autoridade de Paulo, o grande arauto da “boa-nova” (evangelho) para as nações (Gl 1,15-16): “É por isso que eu, Paulo, sou prisioneiro de Cristo em favor de vocês, as nações. Certamente vocês ouviram falar do projeto salvador da graça de Deus que me foi concedida em favor de vocês” (3,1-2).

De acordo com o texto, Paulo, que alude à sua vocação de apóstolo dos não judeus (nações) e à sua prisão pelo anúncio do evangelho de Cristo, aponta seu envolvimento com o projeto salvador da graça de Deus, em Cristo, em favor deles. O mesmo tema “projeto salvador” já foi abordado, de maneira poética, no “Hino do projeto divino da salvação”, uma síntese da história da salvação (1,2-14): “Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o evangelho da salvação de vocês” (1,13).

No terceiro capítulo, o projeto salvador de Deus por meio do evangelho é apresentado mais como “mistério” (v. 3.4.9): “Por revelação, tornou-se conhecido a mim o mistério, como antes escrevi brevemente. Lendo o que escrevi, vocês poderão entender a compreensão que tenho do mistério de Cristo” (3,3-4). A carta aos Colossenses (Cl), escrita pelo seguidor de Paulo, explica o mistério:

O mistério escondido desde os séculos e as gerações, e que agora é revelado aos seus santos. Deus quis que estes conhecessem a riqueza gloriosa que esse mistério representa para as nações, ou seja, o fato de Cristo estar em vocês, ele, a esperança de glória (Cl 1,26-27).

O mistério de Deus, segundo a carta aos Colossenses, não significa apenas algo incompreensível. Ao contrário, indica o projeto de Deus, que estende a salvação a todos os povos. Ou seja, Ef explica claramente em forma de resumo:

Nas gerações passadas, esse mistério não se tornou conhecido das pessoas, como agora foi revelado no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas. E o mistério é que as nações participam da mesma herança, formam o mesmo corpo e compartilham a mesma promessa em Cristo Jesus, por meio do evangelho (3,5-6).

Pela revelação do mistério de Deus por meio do evangelho de Cristo, todos os povos são chamados a fazer parte do povo de Deus: a salvação universal da humanidade.

Ao insistir no evangelho de Cristo, Ef está criticando outros evangelhos que impedem a participação de todos os povos na salvação do Deus da Vida. De um lado, o evangelho do judaísmo oficial, baseado na lei da pureza e na teologia da retribuição, oprimia e excluía as pessoas consideradas impuras (pobres, doentes, estrangeiros) da salvação ao longo da história de Israel (“nas gerações passadas”); de outro, o evangelho do Imperador

romano privilegiava os poderosos e excluía os pobres e os escravos da *Pax Romana*.

Por anunciar o evangelho de Cristo às nações, a missão de Paulo e de seus seguidores está fortemente ligada à graça e ao poder eficaz de Deus:

Desse evangelho eu me tornei ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi concedida pela ação do seu poder. A mim, o menor de todos os santos, foi dada esta graça de anunciar às nações o evangelho da inesgotável riqueza de Cristo e esclarecer qual é o projeto salvador do mistério escondido desde os séculos em Deus, criador de todas as coisas (3,7-9).

O mistério de Jesus Cristo crucificado consiste essencialmente na gratuidade e no amor infinito de Deus criador, em oposição ao espírito do judaísmo da lei da pureza e ao do império conquistador.

No fim do séc. I, a missão da evangelização estava com a comunidade cristã (igreja), que se tornou independente (ou separada) do judaísmo oficial (sinagoga) e estava sofrendo com o império romano. A comunidade cristã, como local da realização do projeto salvador de Deus, devia estar repleta da sabedoria de Deus diante de seus opositores:

Isso para que agora, por meio da igreja, a multiforme sabedoria de Deus se dê a conhecer aos principados e autoridades nos céus, segundo o propósito que ele teve desde sempre e que realizou em Cristo Jesus nosso Senhor. Em Cristo, temos a ousadia e o acesso confiante, por meio da fé nele (3,10-12).

Aqui, os “principados e autoridades” se referem aos espíritos do mal que seduzem e dominam o mundo,

o homem e a história com seu espírito de alienação, ignorância e libertinagem (6,10-20). Eles, encarnados em “judeus e nações”, descobrem agora, numa comunidade cristã formada de judeus e não judeus, a “multiforme sabedoria” de Deus, manifestada no evangelho de Jesus Cristo crucificado:

Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. No entanto, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens (1Cor 1,23-25).

Agora, quem prega o evangelho de Jesus Cristo crucificado sofre a tribulação como ontem e hoje: “Assim, eu lhes peço: não desanimem por causa das minhas tribulações por vocês, pois isso representa a glória de vocês” (3,13). O termo “tribulação” se refere às difamações, perseguições, opressões que os cristãos enfrentam por causa do Evangelho (1Ts 1,6; Cl 1,24). Como a vida de Jesus de Nazaré, as perseguições e repressões são fruto da prática do amor ao próximo e “glória” da missão evangelizadora (Rm 5,1-5).

Por isso, os cristãos evangelizadores devem suplicar a Deus Pai que lhes conceda o poder do seu Espírito nas tribulações:

Por esse motivo, eu dobro os joelhos diante do Pai, de quem toda família recebe o nome nos céus e na terra. E peço que ele lhes conceda, segundo a riqueza da sua glória, o poder de serem fortalecidos no homem interior, por meio do seu Espírito (3,14-16).

A expressão “homem interior” (coração) se refere à parte racional e espiritual da pessoa (Rm 7,22), e é usada no sentido cristão de homem “novo”, uma pessoa nova, renovada (2Cor 4,16; Ef 2,15). E essa pessoa deve ser alimentada e fortalecida pelo Espírito de Deus, para persistir na luta por uma sociedade solidária e unida contra o mal (6,10-20). No Antigo Testamento, o Espírito de Deus, a força libertadora, se move e coloca o mundo em movimento criador, profético, sapiencial, para que haja a vida em plenitude (Sl 33,4-7; Is 61,1-2; Sb 1,4-15). No pensamento de Paulo e de seus seguidores, quem caminha na fé e no amor de Jesus Cristo crucificado é acompanhado pelo poder profético e libertador do Espírito (Gl 5,1-12; 1Ts 5,19-22; Ef 1,13-14).

A súplica a Deus chega ao ponto central: “E que, pela fé, Cristo habite no coração de vocês, enraizados e alicerçados no amor” (3,17). A fé no poder do Espírito de Deus abre e transforma o “coração” (interior) das pessoas em morada estável de Cristo, “enraizada e alicerçada no amor”, de onde brota a força da vida. Pois o amor gratuito de Jesus Cristo crucificado gera liberdade, igualdade, comunhão e fraternidade em prol da vida.

Aí é que está um apelo urgente aos cristãos para conhecer e praticar o amor de Cristo:

Isso para que vocês sejam capazes de compreender, junto com todos os santos, qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que supera todo conhecimento, para que vocês fiquem repletos de toda a plenitude de Deus (3,18-19).

Os cristãos devem conhecer profundamente a Deus e experimentar todas as dimensões do amor de Cristo,

que “supera todo conhecimento”. Aparece o termo “conhecimento”, a gnose, que indica um grupo gnóstico em crescimento no final do séc. I (cf. 1Jo 4,1-5). Ele pregava que a salvação não dependia de fé nem de obras, mas do conhecimento do Deus transcendente. Os cristãos gnósticos eram acusados de substituir a prática concreta do amor ao próximo por rituais e conhecimentos espirituais desligados da vida prática.

O simples conhecimento não pode construir o projeto salvador de Deus para todas as nações; é necessário que venha junto com a prática da solidariedade e do amor, pois só a prática do amor de Jesus Cristo (segundo a tradição cristã) pode construir o reino da justiça, fraternidade e vida, porque seu amor revela o amor de Deus Pai, criador da vida. “Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,38-39), afirma Paulo, grande defensor da vida.

Encerra-se com o hino de louvor o aprofundamento do tema mistério de Cristo por meio do evangelho: “Àquele que, pela força que age em nós, é capaz de fazer mais, muito mais do que tudo o que podemos pedir ou imaginar, a ele a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações dos séculos dos séculos. Amém!” (3,20-21).

O hino exalta o poder de Deus que age na vida e na história da humanidade. Não é o Deus poderoso do Império, nem o Deus legalista do judaísmo oficial, nem o Deus só do conhecimento. É o Deus que se manifesta em Jesus Cristo crucificado e na autêntica vida comunitária, social e pastoral, tendo o amor ao próximo como

o alicerce. Assim entende-se na segunda parte da carta (4,1-6,24): a vida cristã na prática.

Aprofundando: *Várias imagens de Jesus Cristo*

O Jesus da história (Jesus de Nazaré) é narrado e interpretado pela fé em Jesus Cristo (Jesus, o messias), ao longo da caminhada de seus seguidores e seguidoras, conforme suas realidades e necessidades. Por isso, os textos do NT desdobram uma variedade de grande riqueza e profundidade da imagem de Jesus Cristo. Os quatro evangelhos, por exemplo, apresentam, em seus textos exclusivos, várias imagens do Messias Jesus Cristo:

- a) Servo sofredor em Marcos: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga. Pois quem quiser salvar a própria vida, a perderá. Mas quem perder a própria vida por causa de mim e do evangelho, a salvará” (Mc 8,34-35). O texto possivelmente nasceu na comunidade de Mc, na Galileia, no período da Guerra Judaica (66-73 d.C.). No sofrimento e no desespero, Mc retoma e reforça Jesus de Nazaré como o servo sofredor do Segundo Isaías (Is 42,1-9), diante do messianismo poderoso e triunfalista. O servo assume a causa da justiça até o fim, passando pela cruz (Is 52,13-53,12).
- b) Defensor da nova justiça em Mateus: “Porque eu lhes digo: Se a justiça de vocês não superar a justiça dos doutores da Lei e fariseus, vocês não entrarão no Reino dos Céus” (Mt 5,20). A comunidade de Mt, formada, em sua maioria, por judeus, enfrenta, por volta do ano 80,

as autoridades dos judeus fariseus, representantes do judaísmo oficial. Esse judaísmo oficial pregava a salvação pela estrita observância da lei da pureza, condenando as pessoas pobres, doentes e forasteiras como impuras, e perseguindo quem não segue a linha oficial. Um dos grupos perseguidos é o dos judeus cristãos de Mt. Eles insistem: Jesus morto na cruz, escândalo para os judeus fariseus, é o verdadeiro Messias, Emanuel – Deus conosco (Mt 1,23; 18,20; 28,20) –, e o Messias da lei baseada na justiça e na misericórdia (Mt 25,31-46).

- c) Defensor dos pobres em Lucas: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para anunciar a Boa Notícia aos pobres. Enviou-me para anunciar a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para dar liberdade aos oprimidos” (Lc 4,18). O texto é Is 61,1, citado só por Lc, a comunidade que enfrenta a avareza dos ricos, o acúmulo e a falta de compaixão e de solidariedade com os pobres no mundo escravagista (Lc 6,24-26; 16,19-31). O autor de Lucas descreve Jesus Cristo encarnado, compassivo e solidário com as pessoas pobres, marginalizadas e excluídas (Lc 10,29-37).
- d) Bom pastor em João: “Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; porém as ovelhas não os ouviram. [...] Eu sou o bom pastor: conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai, e exponho a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,7-8.14-15). A comunidade de Jo, por volta do ano 100, na cidade de Éfeso, enfrenta forte oposição e perseguição dos judeus fariseus e do império romano:

“O mundo odeia e persegue vocês” (cf. Jo 15,18-16,4). A perseguição e o sofrimento fazem a comunidade joanina fortalecer ainda mais o laço de amor e solidariedade entre as pessoas, o que transparece na figura do bom pastor.

Jesus Cristo ocupa também um lugar central nos outros escritos do NT. Ainda que não acrescentem detalhes aos dados relatados pelos evangelhos, eles apresentam várias imagens de Jesus Cristo, refletidas, interpretadas e transmitidas pelas comunidades cristãs dentro de seus contextos:

- a) Jesus Cristo crucificado em Paulo, na primeira carta aos Coríntios, escrita por volta do ano 56 ou 57: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações. No entanto, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,22-24). Jesus Cristo crucificado ocupa a centralidade do evangelho de Paulo, que contesta o Deus poderoso da teologia davídica e da teologia da retribuição, pregado pelo judaísmo oficial, e o Senhor Deus Imperador, que impõe e legitima o poder e a dominação do Império.
- b) Senhor Jesus Cristo poderoso do universo em Ef, escrita no fim do séc. I: “Plano de levar à plenitude os tempos, reunindo todas as coisas sob uma cabeça, Cristo, tanto as coisas celestes quanto as terrestres” (Ef 1,10). O autor descreve Jesus Cristo ressuscitado como Senhor Jesus Cristo (Messias = Ungido), que regenera e reunifica o mundo inteiro debaixo de sua

autoridade para reconduzir todos os povos a Deus. A imagem de Jesus Cristo poderoso e soberano fortalece as comunidades cristãs diante dos poderosos do mundo, com a dominação justificada pela imagem poderosa do Imperador, “Senhor e Deus”. De fato, o senhorio de Cristo com um mundo compartilhado é a denúncia e a negação do senhorio do Imperador com um mundo ganancioso.

- c) Jesus, único e verdadeiro sacerdote em Hebreus, escrita no fim do séc. I: “Temos um Sumo Sacerdote que sentou no céu à direita do trono da Majestade. Ele é o ministro do santuário e da tenda autêntica, armada pelo Senhor, e não por homens. Jesus foi encarregado para um serviço sacerdotal superior; já que é mediador de uma aliança mais valiosa, feita com a promessa de melhores benefícios” (Hb 8,1-2.6). Hb descreve Jesus Cristo como sacerdote que é o mediador definitivo entre Deus e a humanidade, por ser a encarnação do amor e da fidelidade de Deus (Hb 4,14-5,10). Ele é o sacerdote da vida que contesta e relativiza as instituições e outros eventuais mediadores que provocam injúrias e tribulações ao povo (Hb 10,32-39).
- d) O Verbo encarnado na primeira carta de João, escrita por volta do ano 100: “O que existia desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalpadado: a Palavra da Vida” (1Jo 1,1). O autor insiste na Vida, manifestada na Palavra feita carne em Jesus de Nazaré, diante do grupo que prega a salvação como fruto simplesmente do conhecimento de Deus e de si mesmo. O grupo separa a fé em Cristo da

vida prática de Jesus, não dando importância ao amor ao próximo (1Jo 2,29-3,10).

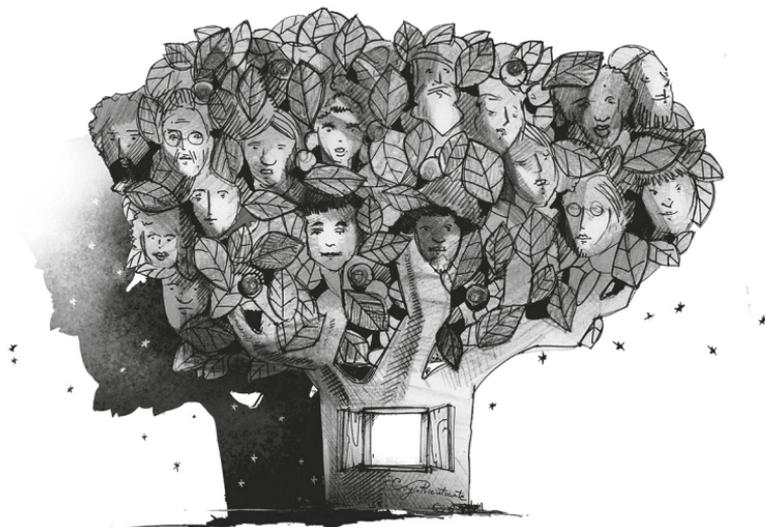
- e) Cavaleiro vitorioso e rei dos reis no livro do Apocalipse, escrito no fim do séc. I: “Então vi o céu aberto: Apareceu um cavalo branco, e o seu cavaleiro se chama ‘Fiel e Verdadeiro’. De sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações. Ele é quem apascentará as nações com centro de ferro. É ele quem pisa o lagar do vinho da fúria da ira de Deus, o todo-poderoso. Em sua roupa e em sua coxa há um nome escrito: ‘Rei dos reis e Senhor dos senhores’” (Ap 19,11.15-16). O texto descreve a vitória sangrenta de Jesus Cristo (Cordeiro), chamado de “cavaleiro fiel e verdadeiro”, “Rei dos reis e Senhor dos senhores”, sobre os inimigos, manifestando o anseio das comunidades sofridas de suprimir o mal do império romano (Besta, Babilônia). Cristo Jesus executa, com a violência, o julgamento e o extermínio dos inimigos, o que não coincide com a imagem de Jesus de Nazaré.

A imagem de Jesus Cristo é muito diversificada: Servo sofredor, Defensor da nova justiça, Defensor dos pobres, Bom Pastor, Jesus Cristo crucificado, Verbo encarnado, Jesus Cristo poderoso e universal, Jesus sacerdote, Cavaleiro vitorioso etc. As últimas imagens não coincidem com a palavra, a prática e a vida de Jesus de Nazaré. Para encontrar a Palavra da vida nessas imagens de Jesus Cristo, precisamos ler e entender cada imagem dentro do contexto de sua respectiva escritura do NT.

Ao mesmo tempo, a vida de Jesus de Nazaré (o Jesus da história) deve ser estudada e aprofundada com a leitura contextualizada das escrituras do NT, a serviço

do projeto da justiça, da fraternidade e da vida de ontem e hoje. Jesus de Nazaré é o grande critério para avaliarmos nossa fé e nossas práticas enquanto comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus. Ele ainda é um desconhecido em muitas de nossas igrejas atuais, que, por isso, às vezes, se deixam levar por discursos e práticas que nada têm a ver com a solidariedade e com a defesa da vida e da justiça. É necessário conscientizar a leitura da Bíblia em prol da construção do Reino do Deus Pai dos pequenos: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21).

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: Unidade na diversidade.

PERSONAGENS: O remetente e as comunidades.

TEXTO: Ef 4,1-16.

PALAVRAS-CHAVE: Vocação, chamado, graça, subiu, desceu, plenificar e corpo de Cristo.

PERSPECTIVA: Fazer a experiência de que, em Cristo, somos chamadas e chamados a viver a irmandade, e de que toda e qualquer função ou cargo que exercemos em nossa missão é para SERVIR.

“Vocês se comportem segundo a dignidade da vocação para a qual foram chamados” (4,1).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, um vaso com diferentes flores e objetos que simbolizam as diversas funções na comunidade.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome da Trindade Santa: em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Acolhamos cada pessoa em nossa casa-coração, mantendo a unidade e a paz. Peçamos ao Espírito de Deus a graça de compreendermos nossa vocação de filhas e filhos de Deus, cantando:

Todas(os): Enviai, Senhor, sobre o vosso povo, o espírito de santidade.

1. *Que o Espírito nos ensine a rezar, que ele nos dê a audácia dos santos.*

2. *Passo a passo ele nos guie para Deus, e sua lei grave em nossos corações.*

Dirigente: No primeiro encontro, refletimos sobre as exclusões e os preconceitos que existem em nosso meio, e que, às vezes, podem existir dentro de nós. Propusemos, como gesto concreto, ir ao encontro das pessoas excluídas. Alguém gostaria de falar como foi a sua vivência ao longo da semana? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento pedindo que o Espírito de Deus nos conduza sempre. Sugestão: Enviai, Senhor, sobre o vosso povo, o espírito de santidade.* Que ele encha os corações de alegria, e sua paz ilumine a nossa frente!

Dirigente: Vamos dizer, em voz alta, o tema do encontro de hoje: *Unidade na diversidade.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: A busca de poder e privilégios pessoais sempre existiu. Vejamos essa importante lição no evangelho de Marcos:

E chegaram a Cafarnaum. Quando estavam em casa, Jesus lhes perguntou: “O que é que vocês discutiam no caminho?” Mas eles ficaram calados, porque no caminho tinham discutido entre si sobre quem era o maior. Tendo sentado, Jesus chamou os Doze e lhes disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servidor de todos” (Mc 9,33-35).

Dirigente: A pessoa cristã é chamada a erradicar essa ambição do seu coração. Como estamos exercendo o nosso serviço à comunidade? O que acontece quando uma pessoa usa indevidamente o ministério que ela exerce? Na comunidade e em outros ambientes que frequentamos, como se dão as relações de poder? *Tempo para conversar sobre essas questões.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A comunidade cristã, como outros grupos sociais, não pode subsistir por muito tempo sem desenvolver alguns modelos de liderança, alguma diversificação de funções entre seus membros, alguns meios de solucionar os conflitos, alguns meios de articulação para a vida comunitária. Há várias funções nascidas nas comunidades: apóstolos, profetas, mestres, milagres, dons de curar, de assistência, de orientação, de falar em várias línguas (1Cor 12,28-30). A função deve estar a serviço da fraternidade. Porém, o cargo ou

ministério na comunidade é, às vezes, ocupado e usado pelos poderosos ambiciosos para exibir e justificar o poder de dominação, criando os conflitos na comunidade e desprezando os membros mais fracos (1Cor 1,26-31; 4,6-13). O autor de Ef redige algumas exigências da vida comunitária quanto às funções (cargos, ministérios e carismas) assumidas pelos membros: eles, como membros do corpo de Cristo, devem compor a unidade na diversidade, a serviço do bem comum.

5. Leitura do texto

Dirigente: De coração aberto, queremos ouvir a Palavra de Deus e deixar que ela se torne vida em nossa vida. Cantemos.

Sugestão: Dá-nos um coração grande para amar. Dá-nos um coração forte para lutar.

Leitora ou leitor 3: Ler Ef 4,1-16.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Vamos repetir algumas frases significativas do texto que acabamos de ouvir.
- b) Quais conflitos transparecem em Ef 4,1-16?
- c) Segundo o texto, qual a maneira de se comportar para ser fiel à vocação recebida?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: “Cada um de nós recebeu a graça segundo a medida do dom de Cristo” (4,7): amar até o fim. É com esse dom que devemos exercer as diferentes funções na comunidade. Somos convocados(as) a

construir a unidade em nossas comunidades, respeitando a diversidade e os dons de cada pessoa. É importante manter a fé e a unidade para superar os desafios vivenciados em nossas comunidades.

- a) Qual dom eu recebi e como o coloco a serviço da Igreja-povo?
- b) Em meio a tanta diversidade, como manter os “laços de paz”?
- c) Vivemos em um mundo marcado pela polarização, pela falta de diálogo e pela dificuldade de escutar aquele que pensa diferente de nós; a disputa entre ricos e pobres afasta as pessoas umas das outras. O que falta para que os ensinamentos da mensagem de Jesus estejam mais presentes entre as pessoas?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vamos olhar os símbolos que representam os diversos ministérios existentes em nossa comunidade, e cada pessoa poderá fazer uma oração para alguém que exerça uma missão diferente da sua. *Tempo para as preces.*

Dirigente: Todos os serviços são para “a edificação do Corpo de Cristo” e para que cheguemos ao “conhecimento do Filho de Deus”. Queremos conhecer para amar e seguir. Unidos no mesmo Espírito, reforçamos nosso compromisso na construção do Reino de Deus, rezando a oração que Cristo nos ensinou.

Todos(os): *Pai nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ef 4,17-32, e quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

Olhar um jornal – impresso ou digital – ou uma revista e trazer um recorte com uma das realidades de injustiça. Se não tiver um material impresso para recorte, escrever em uma folha.

9. Gesto concreto

Fazer um exame de consciência sobre o modo como cada um exerce o seu serviço à comunidade e escutar os demais membros.

10. Bênção final

Dirigente: Peçamos a Deus a graça de acreditar que Ele age por meio de todos e em todos. Que Deus Pai e Mãe nos ajude a crescer no amor e na unidade.

Todas(os): Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: *O patronato, a associação, os cargos e os conflitos*

O evangelho de Lucas relata uma cena cotidiana da sociedade desigual do mundo greco-romano:

Havia um homem rico que se vestia com roupas de púrpura e linho fino, e dava grandes festas todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, coberto de feridas, ficava deitado junto à porta do rico. Queria matar a fome com o que caía da mesa do rico. Em vez disso, até os cães vinham lambe-lhe as feridas (Lc 16,19-21).

A sociedade greco-romana era composta de membros das classes altas (governantes, funcionários públicos bem-sucedidos, agricultores e comerciantes ricos etc.) e das classes subalternas (pobres, escravos, mendigos etc.), que viviam as constantes pressões de uma sociedade desigual. Pobreza, doença, escravidão, revoltas populares, crianças abandonadas, moribundos, variados tipos de injustiça de um lado, enquanto, do outro lado, havia uma pequena parcela que controlava as instituições, o comércio e o exército, vivendo com altos luxos e regalias (cf. Ap 6,1-8; 13,11-18; 18,9-24).

Um dos meios de o império romano controlar a sociedade de desigualdade e de injustiça era a rede (sistema) de patronato ou de clientelismo (a relação patrono-cliente), criando uma verdadeira teia de influência, poder e controle. No mundo do patronato, o patrono rico favorecia o cliente pobre no dia a dia, gerando dependência e submissão do pobre na relação patrono-cliente, porque o pobre se sentia grato e devedor de favores ao poderoso na sociedade escravagista, na qual tampouco se podiam imaginar mudanças no sistema de relações socioeconômicas estabelecidas.

Na sociedade patronal, a figura máxima era o Imperador, denominado como *pater patriae*. Ou seja, ele era considerado o pai e o patrono do Império, distribuidor dos bens, defensor da *Pax Romana*, sendo até chamado de “Senhor”, *kyrios*, em grego. A imagem divinizada do senhor Imperador era alimentada nas cidades conquistadas por meio de jogos, procissões, imagens, cultos, sacrifícios e dedicações de templos em sua homenagem.

Os funcionários romanos, notáveis do local e os homens ricos e poderosos disputavam entre si a melhor forma de homenagear o Imperador e sua família, em troca de “patrocínio” – benefícios. Os favores mais comuns eram a distribuição de cargos e honras,

a assistência financeira, o julgamento favorável, o direito de obter cidadania romana e até o de usar o sistema de suprimento de água.

O patronato era um fenômeno tão abrangente no mundo greco-romano, que essa rede estava estabelecida em toda a sociedade. A criação de associações, em geral marcadas pelo patronato, por exemplo, era muito comum nos centros urbanos do Mediterrâneo, com um constante vaivém de pessoas de várias regiões. As inscrições descobertas nas grandes cidades atestam a existência de várias associações classificadas em torno de determinado interesse ou objetivo: mesmo parentesco, mesma localidade de origem ou mesma profissão, como a dos comerciantes, a dos tintureiros de púrpura, ou as de fabricantes de cangas etc. As associações organizavam o convívio, reuniões e refeições comunitárias, a ajuda financeira aos membros e os cultos a algum deus ou deuses patronos para assegurar a proteção divina.

Em geral, os homens mais destacados fundavam e patrocinavam as associações para promover contatos sociais e proteger seus interesses particulares. Eles, que ocupavam os importantes cargos (funções), distribuíam os favores a seus membros pobres, incluindo distribuição de comida, organização de sepultura, atendimento a viúvas e crianças órfãs etc. Nas reuniões, os patronos eram homenageados pelos membros menos favorecidos. Os pobres preferiam ter os homens influentes como patronos e dirigentes, para serem protegidos e beneficiados por eles. Porém, na vida cotidiana, ficavam amarrados aos interesses desses patronos ricos. A hierarquia da sociedade de patronato era assim mantida, provocando a sujeição e a humilhação dos pobres.

No mundo greco-romano do patronato, algumas comunidades cristãs nasceram como se fossem uma das associações, e assim cresceram, porém caminhando na

contramão do patronato. Elas promoveram a solidariedade com os pobres e procuraram praticar o amor ao próximo, experimentado na vida concreta de Jesus de Nazaré, sem criar dependências e hierarquias dentro delas. Identificaram o próximo nos pobres, oprimidos e marginalizados do mundo do Império: “A religião pura e sem mancha diante de Deus, nosso Pai, consiste em socorrer os órfãos e viúvas em seu sofrimento e não se deixar corromper pelo mundo” (Tg 1,27).

Entretanto, a mesma carta de Tiago traz informações sobre a ação de alguns membros da comunidade cristã que são corrompidos pelo mundo do patronato, discriminam e envergonham os pobres, como agem, em geral, os ricos e poderosos do mundo desigual da hierarquia: “Vocês desprezam o pobre. Não são os ricos que oprimem vocês e os arrastam aos tribunais? Não são eles que blasfemam contra o Nome sublime que foi invocado sobre vocês?” (Tg 2,6-7).

O espírito da hierarquia do patronato também provoca a cobiça e a disputa por cargos (funções), e instala a crise nas comunidades cristãs. Paulo, por exemplo, insiste: que não haja lugar para cargos de superioridade ou inferioridade:

- a) “Existem diferentes dons, mas o Espírito é o mesmo. Existem diferentes ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Existem diferentes atividades, mas o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é concedida a manifestação do Espírito para o bem comum. Pois, por meio do Espírito, a um é dada uma palavra de sabedoria; e a outro uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito” (1Cor 12,4-8).
- b) “Pois assim como num só corpo temos muitos membros, e estes membros não têm todos a

mesma função, assim também nós, embora sendo muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente somos membros uns dos outros. Temos, portanto, dons diferentes, conforme a graça que nos foi dada. Quem tem o dom da profecia, que o exerça na justa relação com nossa fé. Quem tem o dom do serviço, que o exerça servindo. Quem o do ensino, ensinando. Quem o do encorajamento, encorajando. Quem repare, que o faça com simplicidade. Quem preside, com zelo. Quem faz obras de misericórdia, com alegria” (Rm 12,4-8).

A comunidade cristã, como outros grupos sociais, não pode subsistir por muito tempo sem desenvolver alguns modelos de liderança, alguma diversificação de funções entre seus membros, alguns meios de solucionar os conflitos, alguns meios de articulação para a vida comunitária. Há várias funções nascidas nas comunidades: apóstolos, profetas, mestres, milagres, diversos dons, como: curar, assistir, orientar, falar em várias línguas (1Cor 12,28-30). A função deve estar a serviço da fraternidade.

Porém, o cargo ou o ministério na comunidade é, às vezes, ocupado e usado pelos poderosos para exibir e justificar o poder de dominação, criando conflitos na comunidade e desprezando os membros mais fracos (1Cor 1,26-31; 4,6-13). Paulo insiste que todos os dons ou funções provêm do Espírito do Deus da vida, a serviço do bem comum. Na atitude do serviço, como membros uns dos outros, a comunidade forma um só corpo em Cristo (1Cor 12,12-31).

Mais tarde, por volta do ano 90 d.C., as comunidades da Ásia Menor, para a qual o autor, seguidor de Paulo, endereça a carta de Ef, ainda enfrentam a crise

provocada pela ambição e disputam cargos. O autor reitera a palavra de Paulo: “Vocês se comportem segundo a dignidade da vocação para a qual foram chamados” (4,1). Em Ef 4,1-16, o autor redige algumas exigências da vida comunitária quanto às funções (cargos, ministérios e carismas) assumidas pelos membros: eles, como membros do corpo de Cristo, devem compor a unidade na diversidade.

Comentando o texto: *Ef 4,1-16 – A vocação a serviço da comunhão e da fraternidade*

Após a parte doutrinal sobre a Igreja como corpo de Cristo (1,3-3,21), o autor inicia a parte prática da exortação pastoral (4,1-6,20), utilizando a imagem e a autoridade de Paulo:

Por isso é que eu, o prisioneiro no Senhor, peço que vocês se comportem segundo a dignidade da vocação para a qual foram chamados: com toda humildade e bondade, com paciência, suportando uns aos outros no amor e procurando manter a unidade do Espírito pelo laço da paz (4,1-3).

O tema central da primeira exortação (4,1-16) é a “dignidade da vocação” de cada membro para conservar a unidade da Igreja, promovida pelas virtudes essenciais do ser humano (cf. Cl 3,12-15): a “humildade”, que supera o egoísmo, a soberba e até a diferença social; a “bondade”, que cria e favorece a comunhão; a “paciência”, que possibilita a superação da diversidade humana e social. É a unidade formada pelo “laço” da verdadeira paz socioeconômica na vida cotidiana da Igreja (6,15).

Além das virtudes, o autor também menciona todo um conjunto de fundamentos da unidade na Igreja:

Há um só corpo e um só Espírito, como também uma só é a esperança da vocação com que vocês foram chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, que age por meio de todos e em todos (4,4-6).

O primeiro fundamento é o da Igreja como corpo de Cristo no Espírito. É o fundamento discutido na parte doutrinal sobre a Igreja (2,1-22): ela é o sacramento da unidade da nova humanidade criada em Cristo. Nele, todas as pessoas formam um só povo: “Nele, o edifício inteiro se ergue em harmonia, como templo santo no Senhor. E nele, também vocês são incorporados na construção, como habitação de Deus no Espírito” (2,21-22).

O segundo é o do batismo de Jesus Cristo. Professando a fé em Jesus Cristo crucificado, a maior manifestação do amor de Deus (2,1-18), os membros da Igreja devem assumir o compromisso batismal: “Pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,27-28). A unidade da Igreja só se realiza pela superação das divisões sociais discriminatórias de etnia, classe, gênero etc.

O terceiro é o da apresentação das três pessoas divinas. Deus Pai Criador, Jesus Filho Encarnado e o Espírito, orientador da vida eclesial, são a fonte última da unidade teológica e catequética, dentro da pluralidade que reina na Igreja. É a unidade na diversidade que alerta e

não permite um centralismo hierárquico e burocrático na vida eclesial.

Agora, atento ao modo como o autor tenta argumentar os fundamentos da unidade e convencer os membros a formar a comunhão, atesta-se aí o conflito interno nas comunidades de Ef em torno da vocação, ou seja, cargo, função, carisma. Os fundamentos são fortalecidos ao repetir várias vezes a palavra “um”. E, tendo mencionado todo um conjunto de fundamentos da unidade na Igreja, o autor apela e exige dos membros o cumprimento de sua vocação para ativar todos os serviços na Igreja, em torno da unidade.

O autor continua argumentando e salientando o cumprimento da vocação, “graça”, a serviço da unidade da Igreja, agora com o mistério da encarnação de Jesus Cristo:

Cada um de nós recebeu a graça segundo a medida do dom de Cristo. Por isso se diz: “Subindo às alturas, levou presos os prisioneiros e concedeu dons aos homens”. O que quer dizer “subiu”, senão que ele antes tinha descido aos lugares mais baixos da terra? Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas (4,7-10).

O autor adapta o Sl 68 para argumentar a distribuição do “dom de Cristo” ao seu povo. O salmo refere-se à “subida” ao monte Sinai (Sl 68,18), de onde provém a salvação do Deus libertador dos órfãos e das viúvas (Sl 68,6.21). Jesus Cristo, tendo sido exaltado pelo Deus da vida, está em condição que lhe permite distribuir os dons do Espírito Santo para seus seguidores e seguidoras, como um conquistador distribui os despojos aos soldados (Sl 68,19).

Porém, a “subida” de Cristo é condicionada por sua “descida”. Cristo, que tinha descido à terra pela Encarnação, desceu até o lugar dos mortos, as profundidades da humilhação:

Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E encontrado na figura de homem, rebaixou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, Deus o elevou ao posto mais alto (Fl 2,7-9).

Da humilhação à exaltação!

A ascensão de Cristo resulta de sua humilhação e de seu esvaziamento. Com a prática e a espiritualidade de Jesus Cristo servo sofredor (Is 42,1-9), o autor convida a comunidade a fazer o mesmo no cumprimento de sua vocação: “E foi ele quem para alguns concedeu serem apóstolos, outros serem profetas, outros evangelistas, outros pastores e mestres” (4,11). Há a variedade de dons (carisma, função e serviço) recebidos por Cristo. Porém, a diversidade dos dons não pode ser fonte de inveja, competição, hierarquia e divisão na comunidade. Os carismas, embora diversificados, devem servir à unidade da Igreja.

Os carismas são diversos, manifestando as riquezas do Espírito, mas devem servir na construção da Igreja como corpo de Cristo em Espírito:

Ele assim fez para preparar os santos na obra do ministério, para edificação do Corpo de Cristo, até que todos nós cheguemos à unidade da fé e conhecimento do Filho de Deus, ao estado de Homem

Perfeito, na medida e estatura da plenitude de Cristo (4,12-13).

“Homem Perfeito”, o próprio Cristo, é o protótipo ou o caminho de um cristão em sua plena maturidade ou dignidade da vocação a serviço da “obra do ministério”, ou seja, do projeto da salvação do Deus Pai, Filho encarnado, Espírito dinamizador. O cristão, como membro da Igreja, o corpo de Cristo, deve saber respeitar a diversidade, os serviços e as funções dos outros membros, a serviço da unidade da Igreja e de sua atividade salvífica, para construir a verdadeira “paz” do mundo.

O autor descreve também a imaturidade dos cristãos. Ao contrário do “Homem Perfeito”, o cristão, em sua imaturidade, se deixa influenciar e seduzir pelas falsas doutrinas, prejudicando e impedindo a unidade da Igreja: “Assim, já não seremos crianças, jogados pelas ondas, carregados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela artimanha das pessoas que com astúcia levam ao erro” (4,14).

Com a imagem da agitação do mar ou do vento, o cristão imaturo é descrito como “crianças” que se deixam levar pelas falsas doutrinas da astúcia humana que se contrapõem à salvação e à verdade do evangelho de Jesus Cristo crucificado:

Em Cristo, também vocês ouviram a Palavra da verdade, o evangelho da salvação de vocês, que, tendo acreditado nele, foram marcados com o selo do Espírito prometido, o Espírito Santo, que é a garantia da nossa herança, para a redenção do povo que o Pai adquiriu para o louvor da sua glória (1,13-14).

Pregando e seguindo o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, cada membro deve viver o amor ao próximo, para fazer a Igreja, corpo de Cristo, crescer harmoniosamente:

Antes, sendo verdadeiros no amor, cresçamos em todos os sentidos naquele que é a Cabeça, o Cristo. Graças a ele, o Corpo todo vai crescendo e se edificando no amor, bem ajustado e unido pelas articulações que alimentam cada membro segundo sua própria função (4,15-16).

O termo “cabeça” representa a fonte e a força de Cristo, que possibilita o crescimento e o aperfeiçoamento do corpo na comunhão e na fraternidade.

Na realidade eclesial do tempo de Ef, a Igreja já não espera uma parusia iminente, mas se empenha na sobrevivência e no constante crescimento, no mundo hostil do império romano. Porém, a caminhada da Igreja é perturbada por falsas doutrinas, inclusive uma que nega a encarnação de Jesus Cristo:

Porque muitos enganadores saíram pelo mundo afora. Eles não reconhecem que Jesus Cristo veio na carne. Quem age assim é o enganador, o Anticristo. Tomem cuidado, para que vocês não percam tudo o que realizamos aí; pelo contrário, recebam plena recompensa. Todo aquele que avança e não permanece no ensinamento (doutrina) de Cristo, não possui a Deus (2Jo 7-9).

Vivendo o amor ao próximo de Jesus Cristo crucificado, que preserva a unidade e respeita a diversidade, o membro da Igreja se torna capaz de discernir as falsas

doutrinas e manter sempre viva a vocação (“função”), a serviço da unidade e da caminhada da Igreja do amor e da paz verdadeira. Jesus Cristo, assim, vai se formando em cada pessoa da comunidade e sua vocação e, também, vai se completando em sua Igreja, que é projetada para o ideal do Reino do Deus da Vida: “Em Cristo, também nós fomos feitos herança de Deus, conforme o projeto desse Deus que tudo realiza segundo o propósito de sua vontade” (1,11).

Aprofundando: *Conflitos de funções nas comunidades*

Ao descrever o amor cristão, Paulo faz transparecer a realidade conflituosa da comunidade de Corinto:

O amor é paciente, prestativo é o amor, não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não falta com o respeito, não é interesseiro, não se irrita, não planeja o mal. Não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1Cor 13,4-7).

Invejas, orgulhos, desrespeitos, inconveniências, interesses, maldades, injustiças... O texto sugere uma comunidade dividida, que perdeu o senso da fraternidade, da partilha, da solidariedade. Uma das causas da divisão provém da disputa e da execução das funções (carismas) na comunidade (1Cor 12,1-31).

A comunidade cristã, como outros grupos sociais, deve desenvolver alguma diversificação de funções entre seus membros, para subsistir no tempo, articulando a vida comunitária. Desde sua fundação, nascem várias funções para a construção e o crescimento da comunidade: apóstolos, patronos, ministérios, missionários, presbíteros, episcopos, diáconos, diaconisas, doutores,

profetas etc. Ao mesmo tempo, porém, ocorrem os conflitos provocados pela execução inadequada e pela disputa pelas funções:

- a) Patronos, coordenadores: “E eu, irmãos, não lhes pude falar como se fala a pessoas espirituais, mas como a seres de carne, como a crianças em Cristo. De fato, se há partidarismo e briga entre vocês, não é porventura porque são de carne e se comportam como simples seres humanos? Se alguém diz: ‘Eu sou de Paulo’, e outro: ‘Eu sou de Apolo’, não será porque vocês são simples seres humanos?” (1Cor 3,1.3-4; cf. 1,10-13). Paulo denuncia as brigas dos grupos que dividem a comunidade: o grupo de Apolo, um judeu de Alexandria e grande orador, apoiado pelos “poderosos e ricos” (1Cor 1,26-31), e o grupo de Paulo, ligado ao grupo do “lixo do mundo, a escória de todos” (1Cor 4,10-13). Uma das causas dos conflitos está no exercício da função do patrono ou coordenador dos grupos. Os coordenadores são servidores na comunidade, onde devem ser cultivadas a fraternidade e a comunhão em nome do amor de Jesus Cristo.
- b) Dons, ministérios, atividades: “Existem diferentes dons, mas o Espírito é o mesmo. Existem diferentes ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Existem diferentes atividades, mas o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é concedida a manifestação do Espírito para o bem comum” (1Cor 12,4-7). Há os dons, ministérios, atividades, ligados à palavra, como sabedoria e ciência, ao poder, como fé, cura e milagres, à profecia, ao discernimento e ao falar em línguas e interpretá-las (1Cor 12,8-10). Todos os

dons ou ministérios devem servir à comunidade e à fraternidade humana. Porém, o dom de línguas, por exemplo, é às vezes usado como instrumento para impor autoridade sobre outros e buscar um *status* na comunidade cristã (1Cor 14,1-40).

- c) Missionários, catequistas itinerantes: “Fico admirado de que vocês, para seguirem outro evangelho, tenham abandonado tão depressa aquele que os chamou mediante a graça de Cristo. Não existe outro evangelho. No entanto, alguns estão deixando vocês confusos, querendo distorcer o evangelho de Cristo. Maldito seja aquele que anunciar a vocês outro evangelho, ainda que sejamos nós mesmos ou algum anjo do céu” (Gl 1,6-8). Paulo acusa os missionários, denominados judaizantes radicais, de pregar e ensinar “outro evangelho”, baseado na observância da Lei de Moisés – a circuncisão e a lei da mesa – como o único caminho da salvação, provocando segregação e desigualdade nas comunidades gálatas. Os missionários judaizantes utilizam o ministério em prol do seu interesse próprio: “Aqueles demonstram interesse por vocês, mas a intenção deles não é boa. Querem separá-los de mim, para que vocês se interessem por eles” (Gl 4,17).
- d) Presbíteros e episcopos: “Eu deixei você em Creta para organizar o que faltava fazer e para nomear presbíteros em cada cidade, segundo as instruções que lhe dei. Cada um deles deve ser irrepreensível, marido de uma única mulher, e seus filhos tenham fé e não sejam acusados de mau comportamento ou desobediência. De fato, é preciso que o episcopo seja irrepreensível,

como administrador que é das coisas de Deus. Não seja arrogante, não se irrite com facilidade, não seja beberrão, nem violento, nem desejoso de lucro desonesto. Ao contrário, deve ser hospitaleiro, amante do bem, prudente, justo, piedoso e disciplinado. Seja fiel na exposição da palavra, para que consiga encorajar com a sã doutrina e contestar os que a rejeitam” (Tt 1,5-9; cf. 1Tm 3,1-7; 5,17-25). Os ministérios, como presbítero e epíscopo, sejam exercidos a serviço da fraternidade das comunidades, e não em benefício próprio dos ministros, com o “objetivo vergonhoso de ganhar dinheiro” (Tt 1,11).

- e) Diáconos e diaconisas: “Do mesmo modo, os diáconos sejam dignos de respeito e pessoas de palavra, não inclinados ao vinho em excesso nem cobiçosos de lucros desonestos. Que conservem o mistério da fé numa consciência pura. Também eles sejam provados primeiro, e só depois, se forem irrepreensíveis, exerçam a função de diáconos. Assim também as mulheres (diaconisas): sejam dignas de respeito, não caluniadoras, mas sóbrias e fiéis em tudo” (1Tm 3,8-11). Os diáconos e as diaconisas (Rm 16,1) devem procurar ativar e apoiar a caminhada cristã das comunidades, mantendo as disciplinas internas a serviço da unidade, da fraternidade e da comunhão.
- f) Doutores: “O Espírito diz claramente que, nos últimos tempos, alguns renegarão a fé e darão atenção a espíritos sedutores e doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a consciência como que marcada a ferro em brasa. Eles proíbem o casamento e exigem abstinência dos alimentos que Deus criou para

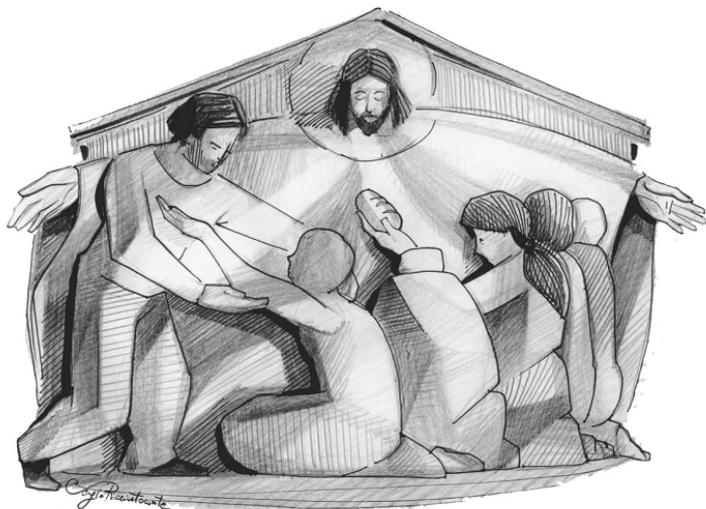
serem tomados com ação de graças por aqueles que têm fé e conhecem a verdade. Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4,1-5; cf. 1,3-20). O texto acusa os falsos doutores de gnosticismo (a proibição do casamento) ou de doutrina judaizante (os tabus alimentares) que oprimem e deturpam a sã doutrina cristã que valoriza o corpo humano e a liberdade de consciência, alimentando a vivência do amor.

- g) Profetas e mestres: “Houve também falsos profetas no meio do povo. Assim também entre vocês vão aparecer falsos mestres, introduzindo seitas malélicas. Renegando o Senhor que os resgatou, trarão rápida destruição para si mesmos. Muitos vão seguir suas doutrinas dissolutas, e por causa deles o caminho da verdade será difamado. Por cobiça de dinheiro, com discursos enganadores, vão procurar que vocês se tornem objeto de negócios. Mas o julgamento deles já começou faz tempo, e a sua destruição não demorará” (2Pd 2,1-3). O texto atesta os conflitos provocados pelo abuso de mestres com seus próprios interesses.

Agente pastoral, coordenador, ministro, missionário, doutor, mestre são servidores na Igreja, que é o corpo de Cristo a construir. O trabalho não deve levar os agentes à busca de vanglória, *status*, poder e até lucro próprio. “Mas quem é Apolo? Quem é Paulo? Servidores, por meio dos quais vocês acreditaram, de acordo com o que o Senhor confiou a cada um deles. Eu plantei, Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. De modo que não

importa aquele que planta, nem aquele que rega; importa somente Deus que faz crescer. Aquele que planta e aquele que rega trabalham para um único objetivo, e cada um receberá seu próprio salário, de acordo com o trabalho que tiver realizado. Portanto, nós somos colaboradores de Deus, e vocês o terreno onde Deus cultiva e constrói”, ensina e alerta Paulo ontem e hoje (1Cor 3,5-11).

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: A nova humanidade em Cristo.

PERSONAGENS: O remetente e as comunidades.

TEXTO: 4,17-32.

PALAVRAS-CHAVE: Insensíveis, libertinagem, homem velho, revestir, homem novo, Espírito Santo e misericordiosos.

PERSPECTIVA: Tomar consciência de que a pessoa batizada em Jesus Cristo deve revestir-se de Cristo, rejeitar toda forma de injustiça e enganar-se, de maneira concreta, no cuidado amoroso com a vida ameaçada.

“Revistam-se do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (4,24).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, flores e recortes de jornal ou de revistas que retratem realidades de injustiça.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. No encontro de hoje, vamos colocar nossa vida diante de Deus, pedindo que Ele nos conduza em nossa vida cristã. Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Deixemos que o Espírito de Deus atue em nosso coração, suscitando caminhos para vivermos no cotidiano a vida nova em Cristo. Cantemos:

É por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora. É por causa de Jesus ressuscitado que acredito em religião libertadora.

É por causa dos profetas que anunciam, que batizam, que organizam, denunciam, é por causa de quem sofre a dor do povo, é por causa de quem morre sem matar.

É por causa dos pequenos e oprimidos, dos seus sonhos, dos seus ais, dos seus gemidos. É por causa do meu povo injustiçado, das ovelhas sem rebanho e sem pastor.

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Em nosso encontro de hoje, vamos refletir sobre o que significa assumir uma vida nova em Cristo. Vamos ler, em voz alta, o tema de nosso encontro: *A nova humanidade em Cristo.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Estamos acompanhando, com dor e tristeza, a situação dramática do povo Yanomami. Uma tragédia humanitária provocada pela cobiça dos garimpeiros. Junior Hekurari, presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena, afirma: “A gente vivia, a gente tinha a vida, a gente tinha trabalho, pescava. A gente não tem, hoje. Não tem, porque o povo Yanomami está doente. Então, a situação é muito grave”. Desde 2017, os garimpeiros vêm avançando por dezenas de quilômetros na região de Homoxi. Eles expulsaram as equipes de saúde e usaram o posto como depósito de combustível, e várias aldeias estão cercadas pelo garimpo. Entre os anos 2019 e 2022, 570 crianças morreram por causas que poderiam ter sido evitadas. Fome, desnutrição, malária e contaminação por mercúrio são realidades que atingem aldeias inteiras. Trata-se de um genocídio e, como pessoas cristãs, não podemos ficar indiferentes.

Dirigente: Além da realidade do povo Yanomami, podemos olhar para a situação desoladora de nossas cidades e periferias, o número de miseráveis aumenta dia a dia. São milhares de pessoas que vivem em situação de rua. Como entender que somos irmãos e irmãs, se vivemos tantas desigualdades? Nesse contexto, que sentido tem o revestir-se “do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade”?

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Os governantes e os poderosos do império romano eram movidos pelo espírito de busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra (o cerne espiritual da helenização ou romanização). Para eles, o único sentido da vida consistia em buscar e realizar, até com

extravagância, todos os desejos, inclusive explorando e eliminando os pobres, os necessitados e os justos (cf. Sb 1,6-2,20). Era a prática descrita pelo autor de Ef como a “libertinagem e a prática insaciável de todo tipo de impureza” (4,19), que provocava os conflitos e as injustiças no mundo, até nas comunidades cristãs. As comunidades cristãs da Ásia Menor não poderiam ser diferentes. Elas também sofriam com a prática insaciável da busca de todos os desejos, que instaurara a crise interna e externa da comunidade. Em Ef 4,17-32, o autor condena as práticas da libertinagem e da impureza, descritas como o comportamento dos “gentios” ou do “homem velho”. Exorta as comunidades a revestirem-se do “homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade”.

5. Leitura do texto

Dirigente: Apesar de nossas fraquezas e limites, queremos viver e buscar a justiça do Reino de Deus. Cantemos:

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será acrescentado. Aleluia, aleluia! Não só de pão a pessoa viverá, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Aleluia, aleluia!

Leitora ou leitor 3: Ler Ef 4,17-32.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Quais os valores abandonados pela comunidade?
- b) O que sugere o autor à comunidade para que voltem a praticar os preceitos verdadeiros?
- c) O que significa: “Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram marcados no dia da redenção”?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Em todos os tempos, viver os valores cristãos em uma situação injusta é um grande desafio. Como pessoas cristãs, somos chamados a viver e a criar espaços de comunhão e de irmandade entre nós. Seguir o evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado é um convite permanente para o amor ao próximo. O compromisso batismal em Cristo nos convoca a ser pessoas misericordiosas umas com as outras e a assumir, em todas as instâncias, o cuidado amoroso com a vida ameaçada.

- a) Quais as ações da comunidade em que se verifica a realização da economia da justiça?
- b) Qual o rosto de Deus que transparece no texto?
- c) A enorme quantidade de “fake news” esparramadas em nossa sociedade, muitas vezes incentivadas por pessoas que se dizem cristãs e seguidoras do Caminho, leva ao diabo. Que fazer para não participarmos dessa triste realidade?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Queremos pedir que Deus nos ilumine em nossa caminhada, para que possamos nos empenhar no cuidado com a vida ameaçada. Rezemos por todas as pessoas que sofrem abandono e descaso das autoridades. *Tempo para que as pessoas possam nomear essas realidades.*

Dirigente: Que possamos ser novas criaturas em Cristo na promoção da paz e da justiça. Com os braços estendidos, vamos rezar o Pai-nosso, pedindo que a nossa oração se torne concreta em nossa vida. *Pai nosso...*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ef 5,21-33, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto

encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

Preparar alguns pincéis, cartelas em branco e cinco velas das seguintes cores: preta, branca, azul, vermelha e amarela.

9. Gesto concreto

Organizar uma coleta entre o grupo e, em comunhão com toda a Igreja sofredora, encaminhar para os grupos que trabalham com os indígenas.

10. Bênção final

Dirigente: “A graça de Deus esteja com todos os que amam com amor eterno a nosso Senhor Jesus Cristo”, e que esse amor nos impulse a assumir a mesma missão. Que a bênção de Deus desça sobre todos nós, em especial sobre os povos da floresta, que estão ameaçados em seu modo de vida.

Todas(os): Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: *Espírito da “libertinagem e impureza” no mundo greco-romano*

A carta aos Efésios descreve o conflito provocado pelo espírito da libertinagem e impureza no mundo greco-romano:

Portanto, digo e afirmo no Senhor: não se comportem mais como os gentios, que vão atrás de seus pensamentos vazios. A mente deles ficou cega, e estão longe da vida de Deus, por causa da ignorância

que há neles e pela dureza de seu coração. Eles se tornaram insensíveis e se entregaram à libertinagem e à prática insaciável de todo tipo de impureza (4,17-19).

A carta aos Efésios foi escrita, provavelmente, no fim do séc. I, destinada às comunidades cristãs das cidades da Ásia Menor. Elas estavam inseridas no mundo greco-romano, baseado na sociedade escravagista do império romano. Em geral, cerca de dois terços – duas em cada três pessoas – da população das cidades greco-romanas, como Éfeso, eram constituídos de escravos, vivendo na injustiça, na miséria e na insegurança.

Os estudos revelam que Éfeso, capital da província romana da Ásia, com mais de 300 mil habitantes, era uma verdadeira cidade cosmopolita de poder, prosperidade e diversidade: muitas mercadorias e muitas pessoas circulavam por via terrestre e marítima. Ao mesmo tempo, a cidade apresentava também os males da ganância, da exploração, da corrupção, da violência, da imoralidade e da desigualdade em seu seio. Os pobres viviam na periferia da cidade: ruas estreitas e malcheirosas e casas mal construídas. Miséria, fome e doença tomavam conta dos pobres escravizados. A vida era cruel e curta! Talvez a duração da vida de um escravo fosse um pouco mais de vinte anos. Havia uma grande incidência de suicídio.

O maior promotor da injustiça, da desigualdade, da exploração e da miséria era o espírito conquistador dos governantes e dos poderosos das cidades helenizadas. O mundo greco-romano era baseado no espírito da “helenização” ou “romanização”, marcado pela busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra. O espírito da helenização está bem expresso na filosofia dos “ímpios”:

Os ímpios, porém, com ações e palavras, invocam a morte. Julgaram que ela seria amiga e, tendo feito aliança com ela, a desejaram intensamente. São mesmo dignos de lhe pertencer. Pensando de forma incorreta, dizem uns aos outros: “Nossa vida é breve e triste, e no fim o ser humano não tem cura, e nada se sabe de alguém que tenha voltado do mundo dos mortos. Porque nascemos do acaso e depois seremos como se não tivéssemos existido [...] Vamos então desfrutar dos bens existentes e usar das criaturas com ardor juvenil. Vamos embriagar-nos com o melhor vinho e com perfumes [...]. Ninguém de nós fique fora de nossas orgias” (Sb 1,16-2,1-2.6-7.9).

Como a vida é breve e não há vida além-túmulo, o único sentido da vida é gozar e realizar todos os prazeres o máximo possível: vinho, festa, perfume, orgia etc. Em sua busca desenfreada de prazeres, o ímpio faz a “aliança com a morte”, explora o corpo dos pobres e até tenta eliminar o justo que denuncia as injustiças sociais:

Vamos oprimir o pobre e o justo, e não poupar as viúvas ou respeitar os cabelos brancos do ancião. Nossa força seja a lei da justiça, pois o fraco é inútil, não há dúvida. Vamos preparar ciladas para o justo, pois ele nos incomoda e se opõe a nossas ações (Sb 2,10-12).

No dia a dia, o espírito da helenização, promovido e propagado pelo império romano, estava bem presente no mundo greco-romano, e até nas comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus Cristo, provocando conflitos internos e externos:

- a) “Esta é, pois, a vontade de Deus: a santificação de vocês. Que vocês se afastem das uniões ilegítimas; que cada um saiba usar o próprio corpo com santidade e respeito, e não se deixem levar pelas paixões, como as nações que não conhecem a Deus. E, nesse assunto, que ninguém ofenda ou prejudique seu irmão, porque o Senhor se vinga de todas essas coisas, como já lhes dissemos e asseguramos. Pois Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santidade. Portanto, quem despreza essas instruções, não despreza a um homem, mas a Deus, que dá a vocês o Espírito Santo” (1Ts 4,3-8).
- b) “Nós também os exortamos, irmãos: repreendam os que não fazem nada, animem os desencorajados, ajudem os fracos e sejam pacientes para com todos. Tomem cuidado para que ninguém retribua o mal com o mal. Ao invés, procurem sempre o bem uns dos outros e de todos” (1Ts 5,14-15).
- c) “Por todo lado se ouve falar de um caso de união ilegítima entre vocês, e uma tal união ilegítima que não se encontra nem mesmo entre as nações: um de vocês convive com a mulher de seu próprio pai. E vocês estão inchados de orgulho e nem lamentam o fato, de modo que seja tirado do meio de vocês aquele que pratica tal coisa?” (1Cor 5,1-2).
- d) “Eu lhes digo: vivam segundo o Espírito, e não satisfaçam os desejos da carne. Pois a carne tem desejos contrários ao Espírito, e o Espírito tem desejos contrários à carne. Ambos de fato se opõem um à outra, de modo que vocês não fazem o que querem. Porém, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da Lei. E as

obras da carne são bem conhecidas: união ilegítima, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, briga, ciúme, raiva, discussões, discórdias, sectarismos, invejas, bebedeiras, farras e coisas semelhantes a essas” (Gl 5,16-21).

- e) “Como não valorizaram o fato de ter o conhecimento de Deus, então Deus entregou-os à mente sem valor de cada um, para fazerem o que não convém. Encheram-se de todo o tipo de injustiça, maldade, cobiça e malícia, repletos de inveja, assassínios, brigas, fraudes e perversidade. São fofoqueiros, caluniadores, inimigos de Deus, desaforados, arrogantes, fanfarrões, talentosos para o mal, desobedientes aos pais, insensatos, desleais, sem amor e sem piedade” (Rm 1,28-31).
- f) “De onde nascem as brigas e competições que há entre vocês? Acaso elas não vêm dos prazeres que guerreiam nos seus membros? Vocês cobiçam e não possuem; então matam. Têm inveja e não conseguem nada; então brigam e fazem guerra. Vocês não têm porque não pedem. Ou, se pedem mas não recebem, é porque pedem mal, para gastar em seus prazeres. Adúlteros! Vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Assim, todo aquele que quer ser amigo do mundo torna-se inimigo de Deus” (Tg 4,1-4).

O espírito da helenização, que se traduz na “libertinagem e na prática insaciável de todo tipo de impureza”, provocava conflitos no mundo greco-romano e até mesmo nas comunidades cristãs. As comunidades cristãs da Ásia Menor não poderiam ser diferentes. Elas

também sofriam com a prática insaciável da busca de bens, poder, prazer e honra, que instaura a crise interna e externa da comunidade.

Em Ef 4,17-32, o autor condena as práticas da libertinagem e da impureza, descritas como o comportamento dos “gentios” ou do “homem velho”. Exorta as comunidades a revestirem-se do “homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade”.

Comentando o texto: *Ef 4,17-32 – A conversão do velho ao novo*

A maioria dos participantes das comunidades cristãs da Ásia Menor era constituída de não judeus, inseridos no mundo da helenização, taxados de “pensamento vazio” e de “ignorância” (4,17-18), ou seja, “ vaidade das vaidades”, expressão usada por Ecl, o livro da crítica à helenização (Ecl 1,1). Antes do encontro com Jesus Cristo, o autor de Ef afirma que eles viviam e até promoviam uma sociedade de injustiças e de relações desiguais. Depois, participando das comunidades cristãs, eles deveriam viver e construir um espaço de comunhão e fraternidade de Cristo (4,1-3).

Mas a vivência cristã no mundo da helenização não é fácil, significa ir na contramão da sociedade. O espírito de insensibilidade, libertinagem e impureza facilmente domina e faz os membros viverem como antes: “Eles se tornaram insensíveis e se entregaram à libertinagem e à prática insaciável de todo tipo de impureza” (4,19). A prática de libertinagem e impureza (indecência) se opõe fundamentalmente a três qualidades do amor de Cristo: “humildade, bondade e paciência” (4,2).

É por isso que o autor reafirma: “Mas não foi isso que vocês aprenderam sobre Cristo, se é que de fato vocês o ouviram e foram instruídos segundo a verdade que

há em Jesus” (4,20-21). A verdade, que é oposta à falsidade e à mentira (4,25), é sintetizada no evangelho de Jesus Cristo crucificado, pelo qual os gentios se tornam participantes da salvação de Deus (3,6-9). Na catequese cristã, eles devem ouvir, aprender e caminhar com a verdade, abrindo-se ao amor de Cristo, para formar a unidade, a comunhão e a fraternidade nas comunidades.

A orientação do autor, então, é uma ruptura com o passado dos não judeus: “Abandonem o modo como viviam antes, o homem velho que se corrompe com paixões enganadoras” (4,22). O evangelho de Cristo exige o despojamento do homem velho com suas paixões, descritas como “desejo da carne”:

No passado, vocês viviam nessas faltas e pecados, seguindo o modo de pensar deste mundo, seguindo o príncipe do poder dos ares, o espírito que agora age nos filhos da desobediência. Entre eles, todos nós também andávamos outrora nos desejos de nossa carne, fazendo as vontades da carne e seus impulsos. E, como os demais, éramos por natureza filhos da ira (2,2-3).

O autor, seguidor de Paulo, utiliza o termo “carne” como instinto egoísta, que é frequente nas cartas paulinas. Segundo elas, andar na carne significa pecar, em oposição a andar no Espírito de Deus. Viver na carne significa pensar segundo o instinto egoísta, com suas paixões e desejos enganadores, contrariamente à vida em Jesus Cristo crucificado. A carne é o sujeito do pecado e, normalmente, é vista sob o aspecto moral e social: união ilegítima, impureza, libertinagem, bebedeiras, calúnia, roubo, prática da injustiça etc. (Gl 5,19-21; 1Cor 6,9-10; 2Cor 12,20).

Observando a situação do pecado da carne nas comunidades, o autor insiste na conversão: “Que a mentalidade de vocês se renove espiritualmente. Revistam-se do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (4,23-24). Pelo batismo (4,5), a pessoa reveste-se do “homem novo”, nova criatura em Cristo Jesus (Gn 1,27; Gl 3,27), com a prática da justiça e da santidade, inspirada pela verdade evangélica do amor ao próximo. Salienta-se a ruptura entre o passado de relações injustas e o presente. Renovação, transformação e conversão do velho ao novo: “Mas vistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não busquem satisfazer os desejos da carne” (Rm 13,14)!

Após a insistência da transformação do homem velho no homem novo, o autor apresenta alguns exemplos concretos que caracterizam o pecado do homem velho:

- a) “Abandonem portanto a mentira. Cada um diga a verdade a seu próximo, porque somos membros uns dos outros” (4,25). Salienta-se a importância da verdade, oposta à mentira ou à falsidade. A verdade se traduz em relação de amor e justiça para com o próximo.
- b) “Se ficarem irados, não pequem. Que o sol não se ponha sobre a ira de vocês. E não deem oportunidade ao diabo” (4,26-27). Chama a atenção a ira, considerada como a obra do diabo (6,11), o “Maligno” (1Jo 2,13), que destrói as relações fraternas na comunidade.
- c) “Quem roubava, não roube mais; antes, trabalhe com as próprias mãos, fazendo o que é bom, para assim terem o que repartir com o necessitado” (4,28). Na sociedade escravagista, o autor não somente recomenda trabalhar, mas dá ao trabalho uma destinação de partilha dos bens com os necessitados.

- d) “Que da boca de vocês não saia nenhuma palavra que prejudique, mas palavras boas para edificação no momento oportuno, a fim de que façam bem para aqueles que as ouvem. E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês estão marcados para o dia da redenção” (4,29-30). Salienta-se o poder da palavra ou língua, ao mesmo tempo construtivo e destruidor na comunidade e no mundo: “A língua também é um fogo, é como um mundo de injustiças. Disposta entre nossos membros, a língua contamina o corpo inteiro” (Tg 3,6), alerta a carta de Tiago, escrita no mesmo período de Ef. Prejudicar e contaminar a comunidade cristã significa entristecer o Espírito Santo, o Espírito de Cristo, que habita e guia cada cristão no amor e na justiça.
- e) “Afastem de vocês toda amargura, ira, cólera, gritaria, difamação e todo tipo de maldade” (4,31). A maldade (instinto egoísta), mencionada por último, é a raiz de todos os pecados do homem velho que destroem o convívio da comunidade.

Encerrando a apresentação da conduta pecaminosa do “homem velho”, o autor pede à comunidade do “novo homem” que assuma o compromisso batismal em Cristo: “Sejam bons e misericordiosos uns com os outros, como também Deus perdoou a vocês em Cristo” (4,32). É o perdão que sintetiza a prática do amor gratuito de Jesus de Nazaré no âmbito das relações sociais e comunitárias: “Pai, santificado seja teu nome; venha teu Reino; o pão nosso cotidiano dá-nos a cada dia; perdoa-nos os nossos pecados, pois nós também perdoamos aos nossos devedores; e não nos deixes cair na tentação” (Lc 11,2-4).

O amor ao próximo não é uma ideia ou um mero discurso: é um modo concreto de viver a gratuidade e a partilha. Nessa época e nessas comunidades, somente adultos eram batizados, e depois de um importante processo de catequese. O conteúdo de Ef provavelmente era parte dessa catequese, e esperava-se que as pessoas mudassem seus antigos modos e se renovassem assumindo hábitos coerentes com a vida e o ensino de Jesus.

Aprofundando: *O espírito da verdade segundo Paulo*

O autor da carta aos Efésios, seguidor de Paulo, descreve que Jesus Cristo é a verdade, e a verdade está nele: “Mas não foi isso que vocês aprenderam sobre Cristo, se é que de fato vocês o ouviram e foram instruídos segundo a verdade que há em Jesus” (4,20-21).

A verdade de Cristo se manifesta na solidariedade, na justiça e na retidão contra a injustiça e a falsidade do mundo greco-romano, que se traduzem em mentira, difamação, roubo, maldade etc. (4,25). A conduta cristã deve ser fundamentada e orientada pela verdade evangélica de Jesus Cristo, o que Paulo já havia pregado e exortado nas comunidades em suas cartas. Eis aqui algumas afirmações dele sobre a verdade:

- a) A verdade do Deus criador: “Realmente, do alto do céu se manifesta a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça daqueles que com a injustiça sufocam a verdade. Porque eles conhecem o que se pode conhecer de Deus, pois Deus o revelou a eles. De fato, desde a criação do mundo, a realidade invisível de Deus – seu eterno poder e divindade – pode ser compreendida por meio do que foi criado. De modo que eles não têm desculpa” (Rm 1,18-20). A verdade do Deus criador

está em oposição à injustiça, porque Ele é justo, ama a justiça e condena atitudes injustas. “Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal” (Sb 1,13-15), diz o livro da Sabedoria, que influenciou Paulo.

- b) A verdade evangélica de Cristo Jesus: “Isso por causa dos falsos irmãos, esses intrusos que se infiltraram para espionar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão. Não nos submetemos a eles por obediência, nem sequer por um instante, para que permanecesse entre vocês a verdade do evangelho” (Gl 2,4-5). O grupo judaizante pregou o evangelho (salvação) pela adesão ao judaísmo e pela observância de seus preceitos, submetendo o povo à escravidão da Lei. Ao contrário, Paulo anunciou a verdade do evangelho de Jesus Cristo crucificado. O evangelho baseado no amor ao próximo, pois foi na cruz de Jesus de Nazaré que Deus Pai manifestou seu amor infinito. O evangelho de Jesus Cristo é a encarnação das verdades últimas do amor de Deus e seu plano da salvação (Rm 8,3-7).
- c) O anúncio da verdade: “Por isso, tendo recebido esse ministério segundo a misericórdia que foi usada para conosco, não perdemos a coragem. Rejeitamos as coisas escondidas que envergonham. Não nos comportamos com artimanhas, nem falsificamos a Palavra de Deus. Pelo contrário, anunciando a verdade, nos encomendamos diante de Deus à consciência de quem quer que

seja” (2Cor 4,1-2). Comprometido com o ministério da Palavra de Deus pelo batismo, o cristão não pode falsificar o evangelho de Jesus Cristo crucificado em busca de um interesse pessoal. O ministério cristão constitui-se num serviço ao anúncio da verdade de Deus, baseada na justiça e no amor, para construir a comunhão e a fraternidade das comunidades.

- d) A verdade, o amor e a comunidade: “O amor é paciente, prestativo é o amor, não é invejoso, não se vangloria, não se incha de orgulho. Não falta com o respeito, não é interesseiro, não se irrita, não planeja o mal. Não se alegra com a injustiça, se alegra com a verdade” (1Cor 13,4-6). O amor encontra a sua alegria na verdade. O verdadeiro amor não compactua com a falsidade e a injustiça, mas a verdade e o amor andam juntos para construir a comunhão da comunidade.
- e) A maturidade na verdade: “Examinem a si mesmos, e comprovem se estão na fé. Ou não reconhecem que Jesus Cristo está em vocês? A não ser que não tenham passado na prova... Espero que vocês reconheçam que nós não fomos reprovados. Pedimos a Deus que vocês não cometam nenhum mal. Não para parecermos como aprovados, e sim para que vocês pratiquem o bem, ainda que devamos passar por reprovados. Nada podemos contra a verdade, mas sim em favor da verdade” (2Cor 13,5-8). Através de sua experiência com a comunidade de Corinto, Paulo identifica Jesus Cristo com a verdade na caminhada cristã. Exorta a comunidade para que ela pratique o bem, cresça e chegue à maturidade na verdade, para “construir, e não para destruir” (2Cor 13,10).

Paulo entende a verdade como Jesus Cristo que vive nele (Gl 2,20). Os cristãos devem crescer em todos os aspectos da vida em Cristo, construindo a comunhão e a fraternidade no mundo greco-romano, oposto ao espírito da verdade cristã. No fim do séc. I, no qual a carta aos Efésios foi redigida, o termo “verdade” continua sendo mencionado em paralelo com retidão, sinceridade, sabedoria, justiça, amor e vida:

- a) “Há entre vocês alguém sábio e prudente? Demonstre então, com sua boa conduta, que age guiado por uma sabedoria humilde. Mas, se vocês têm inveja ressentida e espírito de rivalidade, não fiquem se gabando, enganando-se contra a verdade” (Tg 3,13-14).
- b) “Vocês purificaram a própria consciência, obedecendo à verdade, para sem hipocrisia amar os irmãos. Amem-se intensamente uns aos outros, de coração sincero” (1Pd 1,22).
- c) “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e na verdade. Nisso sabemos que somos da verdade, e podemos tranquilizar nosso coração diante de Deus. Porque, se nosso coração nos condenar, Deus é maior que nosso coração e conhece todas as coisas” (1Jo 3,18-20).

As comunidades cristãs são unânimes em dizer que a verdade cristã não exige apenas concordância intelectual. Deve ser seguida e praticada, de tal modo que, na vida e na prática da comunidade, as pessoas possam ver o rosto, a palavra e a vida concreta de Jesus Cristo crucificado. Como ontem, hoje o mundo continua marcado pela falsidade, pela injustiça e pela morte: atualmente,

chega-se a onze pessoas morrendo de fome e desnutrição por minuto no mundo, por exemplo.

Tomara que os cristãos, como luz do mundo (Is 42,6), se levantem e promovam a verdade evangélica de Jesus Cristo crucificado, com seu amor e sua justiça, para combater o mundo das “trevas”. “Pois o fruto da luz está em toda bondade, justiça e verdade. Procurem descobrir o que é agradável ao Senhor. E não participem das obras estéreis das trevas; ao contrário, denunciem tais obras. Porque é até vergonhoso dizer o que eles fazem às escondidas. Mas tudo o que é denunciado, torna-se manifesto pela luz. De fato, tudo o que se torna manifesto é luz. E por isso se diz: ‘Acorde, você que dorme, e levante-se dentre os mortos, e Cristo o iluminará’” (Ef 5,9-14), exorta a carta aos Efésios.

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Amor, respeito e parceria entre mulheres e homens.

PERSONAGENS: O remetente e a comunidade.

TEXTO: Ef 5,21-33.

PALAVRAS-CHAVE: Submissos, temor, maridos, esposas, amor, entrega, membros e respeito.

PERSPECTIVA: Rezar a nossa realidade de mulheres e homens, criados à imagem e semelhança de Deus, com direito à cidadania plena, e entender que nenhuma lei que subjuga uma pessoa a outra é legítima.

*“Sejam submissos uns aos outros no temor de Cristo”
(5,21).*

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, flores, várias cartelas em branco, pincéis e cinco velas (azul, branca, vermelha, amarela e preta).
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Nós estamos aqui reunidos(as) em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Com alegria, queremos nos dispor para este encontro acolhendo os apelos da Palavra e da nossa realidade. Cantemos:

Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo mar. E nesse dia os oprimidos, numa só voz, a liberdade irão cantar.

Na nova terra o negro não vai ter corrente, e o nosso índio vai ser visto como gente! Na nova terra, o negro, o índio e o mulato, o branco e todos vão comer do mesmo prato!

Na nova terra a mulher terá direitos, não sofrerá humilhação nem preconceitos. O seu trabalho todos vão valorizar. Nas decisões, ela irá participar!

Na nova terra todos terão moradia e pão à mesa, onde a vida se refaz. Quem persistir irá viver o grande dia da liberdade, da justiça e da paz!

A raça negra vem à luta em mutirão, com o Quilombo dos Palmares renascido. Não ao racismo, pelo fim da escravidão e da miséria deste povo tão sofrido!

Na nova terra os povos, todos irmanados, farão da vida um bonito amanhecer. Com a cultura e os direitos respeitados, com igualdade no direito de viver.

Dirigente: Como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Vamos refletir e rezar sobre a relação entre mulher e homem em nossa casa, em nossa comunidade, em nosso trabalho e em outros ambientes que frequentamos. Vamos repetir, em voz alta, o tema de hoje: *Amor, respeito e parceria entre mulheres e homens.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Um dos filósofos mais influentes da Antiguidade, Aristóteles, afirma: “O homem é mais racional, a mulher é menos racional, o filho é imaturo, e o escravo, irracional”. Os escritos dele eram bem conhecidos e aplicados na sociedade greco-romana do séc. I, fundamentando a autoridade do homem-pai-patrão sobre as pessoas subordinadas a ele. A mulher, por exemplo, devia obedecer ao homem naquela sociedade, na qual ela era pouco valorizada. Foi preciso passar um longo tempo para que a ideia da igualdade entre mulher e homem chegasse a ter peso suficiente na sociedade para ser colocada nas leis. Um processo semelhante ao que ocorreu, também, com a escravidão. Porém, tanto as lutas dos descendentes dos povos escravizados quanto a luta das mulheres pela igualdade continuam até hoje. Falta muito, ainda, para essa igualdade estar efetivamente na prática e no pensamento comum em nossa sociedade. As mulheres são a maioria ativa nas igrejas e nas organizações sociais, porém não participam da mesma maneira do poder ou das decisões. Ainda hoje, há muitas mulheres silenciadas e negadas em sua existência.

Dirigente: Nos últimos quatro anos, houve um grande aumento do feminicídio e do estupro, sendo a maioria

dos casos dentro da própria casa. O Brasil ocupa o sétimo lugar no *ranking* mundial de assassinatos de mulheres. A violência doméstica no Brasil ocupa o quinto lugar, sendo a mulher a principal vítima, mas atinge também idosos, crianças e até mesmo as empregadas domésticas.² O que nós pensamos sobre a desigualdade que ainda existe no relacionamento entre mulheres e homens? *Encerrar este momento com um canto de pedido de perdão.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: A Bíblia não caiu do céu, mas nasceu na história e em diferentes contextos sociais. Como todo texto, a carta aos Efésios não poderia ser diferente. Ela reflete a vida cotidiana das pessoas das cidades da Ásia Menor, do fim do primeiro século, inseridas em um mundo patriarcal e escravagista. A atividade da cidade estava centrada na unidade de produção conhecida como a “casa” (empresa particular das famílias), que era o lugar de trabalho e de residência das pessoas: o esposo-pai-patrão, a esposa, os filhos, os libertos e os escravos. O pai-patrão devia controlar e governar os moradores (trabalhadores) subordinados a ele, para manter a estabilidade e a prosperidade da empresa familiar e da cidade inteira. O papel da mulher, por exemplo, era estar submissa ao marido, respeitá-lo e obedecer-lhe.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos a Deus que abra nosso coração para acolhermos a Palavra e deixarmos que ela crie raízes em nossa vida. Cantemos:

² Cf. <https://portal.unit.br/blog/noticias/brasil-ocupa-o-5o-lugar-no-ranking-da-violencia-contra-a-mulher/>.

Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz. No Senhor está toda graça e salvação. Nele encontramos o amor e o perdão.

Leitora ou leitor 3: Ler Ef 5,21-33. Após a leitura, pedir que o grupo repita palavras ou frases do texto.

Dirigente: *Para conversar*

- a) O homem é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja. Como nós entendemos essa afirmação?
- b) O que significa: “Sejam submissos uns aos outros no temor de Cristo”?
- c) De acordo com o texto, qual o dever dos maridos e qual o dever das esposas? O que nós pensamos sobre isso?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A exortação do autor às mulheres é conforme ao esquema cultural da época: o papel da mulher era estar submissa ao marido. Para que a comunidade sobrevivesse, era importante que os membros seguissem a ordem estabelecida pelo Império. O autor de Ef propõe que as pessoas cristãs pratiquem o código doméstico com a “reciprocidade” e o “amor ao próximo”, segundo o modelo da união de Cristo e da Igreja, na família cristã. Dessa forma, o autor exorta os cristãos e as cristãs a desacreditar e a mudar, pacífica e gradativamente, as relações de dominação dentro da sociedade patriarcal e escravagista do império romano. Viver a prática do amor concreto em uma sociedade escravagista e patriarcal não era fácil, e é provável que

isso tenha gerado muitos conflitos, como acontece até os nossos dias.

- a) Na vivência cristã, como deve ser o relacionamento entre o casal (homem-mulher)?
- b) Como podemos, no contexto da Igreja e da sociedade de hoje, ser fiéis à Boa-nova da igualdade, anunciada e vivida por Jesus de Nazaré?
- c) Como nós e nossas comunidades nos empenhamos para que haja cidadania plena entre todos os membros na comunidade e fora dela?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos pensar nas mulheres que fazem parte de nossa vida: mães, professoras, catequistas, mestras, amigas. Mulheres batalhadoras, cuja esperança nos evangeliza. Podemos apresentar o nome dessas mulheres que são parte de nossa história. *Tempo para escrever os nomes.* Vamos dizer, em voz alta, o que nós admiramos nessas mulheres.

Dirigente: As velas de cores diferentes podem representar os continentes, como também as diferenças que existem em nosso meio. As diferenças não podem ser pretexto para discriminar o outro. *Acender as velas e colocá-las em meio aos nomes que foram escritos.* Nesta oração, queremos pedir a Deus que nos ajude a viver a irmandade: em Cristo, somos um. *Concluir este momento com a oração do Pai-nosso.*

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Ef 6,10-20, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto

encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

Se desejar, o grupo poderá organizar um lanche comunitário no último encontro.

9. Gesto concreto

Estar atentos(as) a palavras e ações em nós e na comunidade que discriminam as pessoas.

10. Bênção final

Dirigente: Vamos colocar a mão direita no ombro de nosso irmão ou irmã e a mão esquerda em nosso coração. Que a “paz e o amor que provêm de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo” estejam com todos nós.

Todas(os): Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: *Casa, família, homem e mulher*

A Bíblia não caiu do céu. Ela nasceu na história e em diferentes contextos sociais. Como todo texto, a carta aos Efésios não poderia ser diferente. Ela é fruto da vivência social concreta das pessoas das cidades da Ásia Menor, do fim do primeiro século, inseridas na sociedade escravagista, na qual as pessoas escravizadas eram comercializadas como qualquer outro produto: “cravo e especiarias, incensos, mirra e perfume, vinho e azeite, flor de farinha e trigo, bois e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas” (Ap 18,13).

Um terço da população urbana do séc. I, na Ásia Menor, era constituído de pessoas escravizadas. No mundo

greco-romano, não era possível imaginar uma sociedade (cidades e campos) sem escravidão. Tampouco se podia pensar em mudar a sociedade escravagista justificada e sustentada pelas autoridades poderosas do império romano. As estruturas sociais, bem como a ideologia que as justificava, estavam fortemente consolidadas com o poder e a riqueza da Besta (Imperador):

Ela (Besta) também faz com que todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, recebam uma marca na mão direita ou na frente. Assim, ninguém pode comprar nem vender, a não ser que tenha a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (Ap 13,16-17).

Nesse mundo escravagista, controlado pelos governantes romanos, as comunidades cristãs estavam inseridas, e seus membros, muitos deles pessoas escravizadas, sofriam com o empobrecimento, a perseguição e a violência (Ap 13,17-18). E a maioria dos cristãos da Ásia Menor vivia nas cidades, exercendo atividades para manter-se, como informam as cartas às sete comunidades do livro do Apocalipse (Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia). Mas como eles viviam no cotidiano da cidade?

A pesquisadora Irene Foulkes oferece uma importante informação sobre a sociedade das cidades da província romana da Ásia do fim do séc. I, na qual os membros das primeiras comunidades estavam inseridos:

Em Éfeso, Colossos e outras cidades da província romana da Ásia, a economia e a política estavam dominadas por uma pequena elite de proprietários que representavam não mais que 5% a 7% da população total. A organização econômica e social nas

idades do século I estava centrada na unidade de produção conhecida como a “casa”, ou seja, a empresa particular das famílias ricas. Sob a direção do *pater familiae* como patrão, participavam na empresa os filhos varões. O grosso do trabalho era realizado pela mão de obra cativa ou clientelar, ou seja, os escravos e as escravas, como também os libertos e as libertas que continuavam ligados ao patrão e obrigados a retribuir-lhe certos serviços.³

A casa era uma unidade de produção e o lugar de residência de pessoas: o esposo e a esposa, o pai e os filhos, o patrão, os libertos e os escravos. A figura dominante em cada casa-empresa era uma mesma pessoa: o esposo-pai-patrão. Ele tentava controlar e manter a estabilidade da casa como condição necessária para a prosperidade da empresa familiar e da cidade inteira, e certamente para fortalecer e manter a *Pax Romana*.

Ou seja, para manter uma boa administração da empresa-família, o esposo-pai-patrão devia governar eficientemente os trabalhadores (moradores) subordinados a ele. Assim se esperava conseguir a estabilidade necessária para que funcionasse bem a casa-fábrica e, ao mesmo tempo, fosse governada toda a cidade, controlada por essa mesma classe-elite de patrões (donos) da casa.

Outro detalhe chama a atenção. Ao estabelecer a subordinação de esposa, filhos e escravos ao esposo-pai-patrão, o pensamento (filosofia) do mundo greco-romano fazia o papel importante e eficiente de justificar a autoridade e o controle do dono da empresa familiar.

³ FOULKES, Irene. Os códigos de deveres domésticos em Colossenses 3,18-4,1 e Efésios 5,22-6,9: estratégias persuasivas, reações provocadas. *RI-BLA*, n. 55, 2006/3, p. 54.

Aristóteles, um dos mais influentes filósofos, dizia que o homem era superior à mulher, por isso ela devia ser subjugada a ele.

Nesse mesmo ambiente filosófico-cultural estavam situadas as comunidades cristãs, seguindo e praticando a mensagem de Jesus Cristo. Há exortações à unidade e ao comportamento pessoal da casa na carta aos Efésios. São as instruções chamadas de “código doméstico”, que são dirigidas a uma casa onde se pressupõe que todas as pessoas, desde o dono até os escravos, sejam cristãs:

- a) “Escravos, obedeçam a seus senhores segundo a carne, com temor e tremor, com simplicidade de coração, como a Cristo. Obedeçam não somente quando vigiados, para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, que se aplicam de alma em cumprir a vontade de Deus” (6,5-6).
- b) “Filhos obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. ‘Honre seu pai e sua mãe’ é o primeiro mandamento, que inclui uma promessa, ‘para que você seja feliz e tenha vida longa sobre a terra’. Pais, não deixem seus filhos irritados, mas os eduquem na disciplina e com a correção do Senhor” (6,1-4).

Observa-se que o autor de Ef não faz uma crítica direta à sociedade escravagista nem à estrutura familiar. O escravo deve obedecer a seu patrão e o filho deve obedecer a seus pais, a partir do modelo de sociedade escravagista e patriarcal. Porém, há uma diferença em relação ao pensamento preconceituoso e desigual de Aristóteles. A carta salienta que todos são iguais perante a Deus e a seu Filho Jesus Cristo. Exorta ao respeito mútuo entre os habitantes da casa: pai, filho e escravo.

Para completar o código doméstico, o autor trata também das relações entre marido e mulher, em Ef 5,21-33. No ambiente filosófico-cultural do mundo greco-romano, a mulher era considerada inferior ao homem e, por isso, subjugada a ele. Ainda na cultura judaica oficial, que é o berço do cristianismo, a mulher era bem controlada pela estrutura patriarcal, e era idealizada como esposa ideal a mulher que garantia ao homem a honra, a prosperidade e a felicidade (cf. Pr 31,10-31).

A partir dessas considerações, vamos ler Ef 5,21-33 e escutar a exortação do autor sobre as relações entre marido e mulher na família e na casa da sociedade greco-romana e patriarcal.

Comentando o texto: *Ef 5,21-33 – “Sejam submissos uns aos outros no temor de Cristo”*

Efébios 5,21 abre o tema das relações familiares e sociais em 5,21-6,9. Essa abertura inicia regulamentando as relações entre os diversos membros da família cristã: “Sejam submissos uns aos outros no temor de Cristo”. A expressão “temor de Cristo” evoca o verdadeiro amor e respeito segundo o espírito de sacrifício e de amor gratuito de Jesus Cristo (1Jo 4,18). A submissão de uns aos outros, na linguagem cristã, se refere, portanto, ao comprometimento de serviço e amor, manifestado na relação Cristo-Igreja (1,22-23; 4,15-16).

A partir dessa orientação cristã, o autor dirige, primeiramente, algumas exortações às esposas:

As mulheres sejam submissas a seus maridos como ao Senhor, pois o homem é cabeça da mulher, como também Cristo é cabeça da igreja, ele que é o salvador do Corpo. E como a igreja está submissa a

Cristo, assim também as mulheres sejam submissas em tudo aos maridos” (5,22-24).

Na prática, a exortação do autor às mulheres está dentro do esquema cultural da época, que quase está fora da discussão: o papel da mulher é estar submissa ao marido, respeitá-lo e obedecer-lhe. Porém, o autor tenta transformar essa submissão da mulher ao marido numa submissão voluntária, como a da Igreja a Cristo, por força da fé e do amor (cf. 1Cor 15,27-28). Exorta ao amor e ao serviço da mulher ao marido no seguimento de Cristo, a cabeça da Igreja, dentro da estrutura patriarcal (o marido é cabeça da mulher).

Do mesmo modo, o autor dirige algumas exortações aos maridos, sem a mudança do esquema cultural da sociedade romana patriarcal que estabelece a desigualdade entre marido e esposa:

Maridos, tenham amor a suas esposas, como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, a fim de santificá-la e purificá-la com o banho da água pela Palavra, e para apresentar a si mesmo a igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (5,25-27).

A desigualdade está evidente: o marido ama, a mulher se submete! Apesar disso, o autor tenta orientar e exortar o marido, partindo da situação de sua época, ao seguimento cristão no relacionamento conjugal. O marido deve exercer seu papel como caminho para a salvação, segundo o seguimento de Cristo, assumido pelo batismo:

a) Os maridos devem amar suas esposas como o amor de Cristo à Igreja, que se entregou a si

mesmo por ela até a morte (Jo 15,13): a exortação ao casal para que fundamente sua relação no amor era significativa na sociedade romana patriarcal, uma vez que a escolha de com quem a pessoa iria casar-se estava nas mãos dos pais.

- b) O efeito do amor deve ser santificado mediante o banho de água pela Palavra: o banho de purificação pode evocar o banho nupcial da esposa, como era praticado no ambiente grego e judaico. Entretanto, o autor relaciona o banho de água com o batismo cristão, como banho de purificação e de renovação no Espírito de Cristo (Tt 3,5). Ainda, o batismo só vale se acompanhado da proclamação e da prática da Palavra do Senhor (1Pd 1,23).
- c) Maridos como a Igreja santa e irrepreensível: ao amar sua esposa segundo o compromisso batismal de Cristo, o marido é lavado de toda mancha (pecado) e torna-se santo como a Igreja purificada e alimentada por Cristo (Rm 6,1-4).

Em seguida, com o seguimento batismal de Cristo, o autor chega a afirmar que o marido vem a formar um corpo com sua esposa, como Cristo forma um corpo com a Igreja:

Portanto, os maridos devem amar suas esposas como a seus próprios corpos. Quem ama a própria mulher, ama a si mesmo. Porque ninguém jamais quis mal à sua própria carne; pelo contrário, lhe dá alimento e cuida dela, assim como Cristo faz com a igreja, porque somos membros do seu Corpo. Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne (5,28-31).

Além do seguimento batismal, o autor utiliza, agora, o conceito do Gênesis sobre a criação de Eva, tirada da própria carne de Adão (Gn 2,18-24), para argumentar a formação de um só corpo na união do casal e seu amor mútuo. A união íntima da criação, que Deus colocou entre o homem e a mulher, deve ser a razão de seu mútuo amor: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne!” (Gn 2,23). É um amor tão grande que cada um deixará pai e mãe para formar juntos uma nova família, baseada no amor mútuo.

E “uma só carne” do casal na criação é, sem dúvida alguma, um fundamento do sacramento do matrimônio cristão e, como tal, deve refletir a união de amor que existe entre Cristo e a Igreja. O sacramento do matrimônio deve introduzir o marido e a esposa no amor e na fidelidade de Cristo à sua Igreja. Como Cristo ama, cuida e alimenta a Igreja, assim deve o marido conduzir-se com sua esposa.

Por fim, o autor conclui afirmando: “É grande esse mistério! Eu o digo, referindo-me a Cristo e à igreja. Em qualquer caso, cada um de vocês ame sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o marido” (5,32-33). O seguimento de Cristo, baseado na relação Cristo-Igreja, é utilizado como modelo da relação marido-mulher. O marido deve ser para a mulher aquilo que Cristo é para a Igreja: fazer para ela o que Cristo fez pela Igreja.

Como já foi dito anteriormente, a exortação do autor às mulheres está dentro do esquema cultural da época: o papel da mulher é estar submissa ao marido. O autor entende que os cristãos e as cristãs devem comportar-se de uma maneira que evite um choque com a sociedade circundante, para não serem suspeitos de subverter a ordem estabelecida. Assim sendo, a exortação da submissão no código doméstico representa uma ética e uma práxis para serem vividas e praticadas dentro da

casa. As pequenas e fracas comunidades cristãs buscavam sobreviver na sociedade greco-romana. Porém, ao mesmo tempo, no espaço público, social e político, legitimavam uma sociedade opressora.

Todavia, dentro dessa realidade, o autor de Ef propõe que os cristãos pratiquem o código doméstico com a “reciprocidade” e o “amor ao próximo”, segundo o modelo da união de Cristo e da Igreja, na família cristã. Dessa forma, o autor exorta os cristãos e as cristãs a desacreditar e a mudar, pacífica e gradativamente, as relações de dominação, dentro do jugo da sociedade patriarcal e escravagista do império romano.

A aplicação prática do amor ao próximo, em todas as suas consequências e detalhes, não era fácil naquela sociedade escravagista e patriarcal, na qual não se valorizava a mulher. Até hoje a igualdade entre o homem e a mulher continua em plena discussão. É importante não ler Ef 5,21-33 fora de seu contexto, tampouco aplicá-lo hoje de maneira fundamentalista.

Aprofundando: *A mulher no movimento de Jesus de Nazaré*

O livro do Eclesiástico, escrito por um escriba a partir da tradição patriarcal e androcêntrica, apresenta alguns preconceitos da sociedade contra a mulher:

- a) “Não há veneno pior do que o veneno da serpente, nem ira pior que a do inimigo (mulher). Prefiro morar com um dragão, a morar com mulher perversa” (Eclo 25,14-15).
- b) “Foi pela mulher que o pecado começou, e é por culpa dela que todos nós morremos. Não deixe a água escapar, nem deixe que a mulher

má fale livremente. Se ela não anda de acordo com as indicações que você dá, separe-se dela” (Eclo 25,24-26).

- c) “Não leve em conta a beleza de nenhum ser humano, nem se assente no meio das mulheres, porque é da roupa que sai a traça, e é da mulher que vem a malícia feminina. É melhor a maldade do homem do que a bondade da mulher: a mulher que se desonra é motivo de injúria” (Eclo 42,12-14).

Na sociedade patriarcal, o único lugar de felicidade da mulher é o matrimônio com a submissão ao marido:

Feliz o marido de uma boa mulher; isso duplica a duração de sua vida. Mulher virtuosa é alegria para seu marido, que estará em paz durante todos os anos que tiver para viver. Uma boa mulher é uma sorte grande, que será reservada aos que temem ao Senhor. Rico ou pobre, ele terá bondade no coração e a todo tempo terá rosto alegre (Eclo 26,1-4).

No mundo patriarcal da Galileia, por volta do ano 30 d.C., Jesus de Nazaré, um judeu, promoveu um movimento de libertação e de reforma dentro do judaísmo: o anúncio do Reino de Deus, de igualdade e solidariedade a partir dos pobres (Lc 10,21-22). No movimento libertador, Jesus e suas seguidoras provocaram certa ruptura com as tradições judaicas de seu tempo em relação à mulher e o seu papel.

Os evangelhos têm sido os textos utilizados em busca de vestígios do papel das mulheres com maior frequência. Porém, devem-se tomar alguns cuidados para analisar os textos bíblicos em relação às mulheres. Os textos provêm de uma cultura patriarcal, escritos e

interpretados pelos homens, assim transmitindo, às vezes, a intenção e interpretação dos autores acerca da realidade cotidiana das mulheres.

Além do mais, os evangelhos são condicionados pelo contexto (época, local, realidade) de cada comunidade (Mt, Mc, Lc e Jo). Com essas precauções, podemos ler e analisar o evangelho de Marcos, a fonte mais antiga, escrito na Galileia, para entender o papel das mulheres no movimento de Jesus. Eis aqui alguns vestígios da presença e da ação das mulheres no movimento de Jesus de Nazaré:

- a) “E logo, saindo da sinagoga, Jesus foi à casa de Simão e André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama, com febre. Eles logo contaram a Jesus sobre ela. Então Jesus se aproximou dela, tomou-a pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou, e ela começou a servi-los” (Mc 1,29-31). No tempo de Jesus, a febre era de origem demoníaca. Libertada do demônio, a mulher se levanta e se coloca a serviço. O significado do termo “servir” (*diakoneo*) não se limita ao serviço da mesa, mas é um termo técnico que designa uma função específica na comunidade construída em torno da casa. A mulher executa o ministério a serviço da fraternidade da comunidade.
- b) “Ora, havia uma mulher que sofria de hemorragia há doze anos. Ela tinha sofrido muito nas mãos de vários médicos, tendo gasto tudo o que possuía. Mas, ao invés de melhorar, estava cada vez pior. Tendo ouvido falar de Jesus, ela foi por trás, em meio à multidão, e tocou na veste dele. Porque dizia: ‘Se eu apenas tocar nas vestes dele, ficarei curada’. Imediatamente a hemorragia parou, e ela sentiu no corpo que

estava curada da doença. [...] Então a mulher, com medo e tremendo, percebendo o que lhe havia acontecido, foi e caiu aos pés de Jesus, e lhe contou toda a verdade. Então Jesus lhe disse: ‘Filha, a sua fé salvou você. Vá em paz e fique curada de sua doença’” (Mc 5,25-29.33-34). Toda mulher menstruada ou sofrendo algum fluxo de sangue era considerada impura (Lv 15,25-30), e impuro ficava também tudo que fosse tocado por ela. Por sua fé em Jesus, a mulher viola a Lei e é curada. A mulher rompe com a tradição oficial e se liberta da marginalização social e do isolamento extremo por causa da doença, considerada como castigo de Deus segundo a lei da pureza. Ela é ativa e toma a iniciativa na luta pela vida!

- c) “A mulher era grega, nascida na Fenícia da Síria. Ela pedia que Jesus expulsasse de sua filha o demônio. Jesus dizia: ‘Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados. Porque não fica bem tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos’. Ela lhe respondeu: ‘Senhor, também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem as migalhas das crianças’. Jesus lhe disse: ‘Por causa do que você falou, vá: o demônio saiu de sua filha’. E quando ela voltou para casa, encontrou a criança deitada na cama. E o demônio tinha ido embora” (Mc 7,26-30). Pela vida de sua filha, a mulher da Fenícia tomou a iniciativa, buscou ajuda e fez Jesus mudar de opinião: é a quebra das barreiras étnicas e de gênero do judaísmo oficial, que oprimem e excluem as mulheres estrangeiras e pobres.

- d) “Também algumas mulheres estavam aí, olhando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria mãe

de Tiago Menor e de Joset, e Salomé. Elas seguiam e serviam Jesus, quando ele estava na Galileia. E muitas outras, que tinham subido com ele para Jerusalém” (Mc 15,40-41). Aqui nós encontramos as mulheres corajosas e presentes no ambiente de medo da perseguição dos soldados romanos contra os familiares e amigos do crucificado, homem politicamente preso, condenado, torturado e executado. O texto ainda menciona o seguimento (*diakonia*) delas na missão de Jesus na Galileia. A palavra *diakonia*, segundo Mc, significa o ministério ou discipulado na comunidade. As mulheres são “companheiras da pastoral” de Jesus de Nazaré.

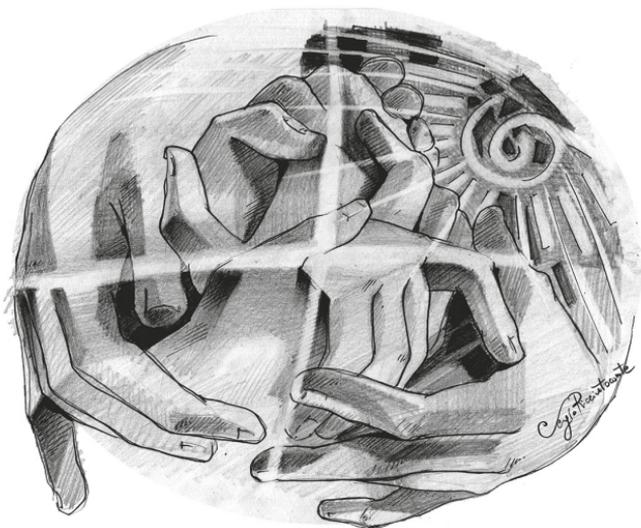
- e) “Passado o sábado, Maria Madalena, Maria de Tiago, e Salomé compraram perfumes para ir ungi-lo. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol” (Mc 16,1-2). O texto comprova a presença das mulheres, sobretudo Maria Madalena, como primeiras testemunhas da ressurreição, no mundo judeu, onde as mulheres não são aceitas como testemunhas (cf. 1Cor 15,3-5). Elas também demonstram a forte relação com seu mestre, por pretenderem ungi-lo na sepultura. As mulheres são verdadeiras discípulas de Jesus na vida cotidiana, embora os homens, autores dos evangelhos, atribuam os papéis importantes aos homens apóstolos no discipulado de Jesus de Nazaré.

Analisando os textos bíblicos a partir das experiências das mulheres em suas buscas de vida, recuperam-se as histórias das mulheres que tentaram libertar-se da discriminação à qual estavam sujeitas no mundo

patriarcal do tempo de Jesus de Nazaré. Elas faziam parte do movimento de Jesus e, dentro das primeiras comunidades, tinham uma função protagônica, para restaurar a vida na comunidade.

Hoje, a busca por direitos iguais continua... As mulheres continuam trabalhando arduamente pela sobrevivência de seus familiares, buscam organizar-se, construir relações solidárias e proteger a vida. Elas são a maioria ativa nas igrejas e nas organizações sociais, porém não participam da mesma maneira do poder ou das decisões. A realidade das mulheres silenciadas continua. O feminicídio faz parte da realidade do Brasil e de várias partes do mundo... A busca por libertação, justiça e igualdade nas relações sociais de diversos segmentos, sobretudo entre homem e mulher, continua sendo uma tarefa marcante e urgente que ainda deve ser realizada pelas mulheres e pelos homens de nossos dias.

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Perseverar no evangelho do amor, da justiça e da paz!

PERSONAGENS: O remetente e as comunidades.

TEXTO: Ef 6,10-20.

PALAVRAS-CHAVE: Armadura de Deus, diabo, espírito do mal, permaneçam, justiça, fé, Palavra de Deus e Espírito.

PERSPECTIVA: Fortalecer-se para enfrentar os desafios de uma vivência cristã pautada no evangelho do amor, da solidariedade e da justiça.

“Fiquem firmes, portanto. Usem na cintura o cinturão da verdade. Vistam a couraça da justiça. Calcem os pés com a prontidão para o evangelho da paz” (6,14-15).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, flores e uma vasilha com água.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro e também expor os cartazes com o tema dos encontros anteriores.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro pedindo a Deus, por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo, forças para sermos verdadeiramente fiéis à nossa vocação cristã. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Cantemos:

Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo! É hora de transformar o que não dá mais; sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda co'a gente também, você é muito importante! (2x)

Não é possível crer que tudo é fácil; há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão!

A força que hoje faz brotar a vida atua em nós pela tua graça. É Deus que nos convida pra trabalhar: o amor repartir e a força juntar.

Dirigente: Ao longo de nossos encontros, nós estudamos e rezamos a carta aos Efésios. Uma carta dirigida às comunidades da Ásia Menor no fim do séc. I. Refletimos sobre a nossa identidade como filhas e filhos de Deus; por isso, qualquer lei ou norma que exclui uma pessoa não é de Deus. Reforçamos a nossa identidade de irmãs e irmãos em Cristo. Recordamos nosso compromisso de revestir-nos de Cristo e de rejeitar toda forma

de injustiça. Como seguidoras e seguidores de Cristo, somos chamadas(os) a construir novas relações com todas as pessoas. No encontro de hoje, queremos nos fortalecer para viver conforme a nossa fé. Podemos repetir, em voz alta, o tema do nosso encontro: *Perseverar no evangelho do amor, da justiça e da paz!*

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto no encontro anterior? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Vivemos em um país de maioria cristã, uma religião que nasceu do pão partilhado, e não há forma de vivenciar a Eucaristia sem a partilha. Como conviver com tantas desigualdades? A pobreza atinge cerca de 33 milhões de pessoas. Nas ruas, avenidas e praças de nossas cidades, encontramos muitas pessoas pedindo ajuda. As desigualdades sociais se mostram em toda parte. A fome atinge cerca de sete milhões de pessoas no Brasil. A desnutrição é a principal causa de mortalidade infantil. Além disso, 40 milhões de pessoas não comem o mínimo necessário para uma alimentação diária. A falta de saneamento básico ainda é vivenciada por mais da metade da população brasileira. Sem acesso a água potável, as pessoas estão expostas a vários tipos de doenças. O desemprego no Brasil atinge quase 28 milhões de pessoas. A desigualdade ainda se manifesta na saúde, nos meios de transporte, na educação e na falta de acesso à cultura.⁴

⁴ Cf. <https://www.todamateria.com.br/os-maiores-exemplos-de-desigualdade-social-no-brasil/>. Acesso em: 2 fev. 2022.

Dirigente: Como os sinais das desigualdades sociais questionam a minha vivência cristã? *Tempo para conversar.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Os antigos imaginavam que o universo estava dividido em três camadas: os céus, a terra e o abismo de água abaixo da terra – Xeol (Gn 1). Os céus eram concebidos como uma ampla abóbada que cobre a terra. E, na parte inferior dos céus, ou abaixo da abóbada celeste, os espíritos do mal (os “principados”, as “autoridades”, os “dominadores do mundo”), chefiados pelo diabo, adversário de Deus, habitavam, agindo e ameaçando dominar o mundo, o homem e a história. Eles, com seus espíritos de alienação e libertinagem, provocavam e aumentavam os instintos egoístas, a injustiça, a violência e a morte no mundo. O autor de Ef convoca as pessoas cristãs para uma batalha contra o diabo e seus espíritos do mal, que ameaçavam a caminhada da comunidade cristã. Os cristãos, que têm fé em Jesus Cristo crucificado, com o amor ao próximo, devem lutar e resistir aos espíritos do mal e a seus seguidores do mundo ganancioso e injusto.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus abertura de mente e de coração para escutar os apelos da Palavra.

Eu vim para escutar – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor.

Eu quero entender melhor – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor.

O mundo ainda vai viver – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de amor.

Leitora ou leitor 3: Ler Ef 6,10-20.

Dirigente: *Para conversar*

- a) Por que o autor insiste na perseverança no projeto do Deus da vida?
- b) De acordo com o texto, como a pessoa que segue Jesus Cristo deve se preparar para combater a realidade de injustiça?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: “Rezem no Espírito em todo tempo, com orações e súplicas de todo tipo” (6,18). A vivência do projeto de Deus, revelado no seu projeto de amor e doação total em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, nos convoca a viver e a testemunhar o amor, a solidariedade e a justiça.

- a) Quais os desafios para uma verdadeira vivência cristã hoje?
- b) Como nós e nossas comunidades realizamos, em nosso dia a dia, a partilha com as pessoas mais necessitadas?
- c) Como nós e nossas comunidades nos preparamos para viver nossa missão?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Vamos pegar a vasilha com água, e cada pessoa poderá fazer um gesto penitencial, pedindo a Deus que nossa purificação não seja apenas um ritual, mas um sinal de conversão. Podemos colocar a mão na água e tocar naquela parte do corpo na qual nós queremos transformação. *Cantar o refrão de um canto conforme a sugestão do grupo.*

Dirigente: Queremos nos comprometer com o projeto do Reino e colocar nossa vida a serviço. Que o Espírito de Deus nos conduza nessa caminhada. Com fé e esperança, rezemos a oração do Pai-nosso.

8. Gesto concreto

Organizar uma coleta de alimentos e doar para uma instituição social.

9. Bênção final

Dirigente: Vamos nos abençoar com uma antiga bênção celta: “Que o caminho venha ao teu encontro. Que o vento sempre sopra às tuas costas e a chuva caia sobre teus campos. E até que voltemos a nos encontrar, que Deus te sustente suavemente na palma de sua mão”.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Vamos repetir para quem está ao nosso lado: “Até que voltemos a nos encontrar, que Deus te sustente suavemente na palma de sua mão”.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: *A luta contra o diabo e seus espíritos do mal nos céus*

A carta aos Efésios descreve o enfrentamento contra o mal ou o diabo, que tem sua sede nas esferas celestes, se opõe ao projeto de Deus e ameaça dominar o mundo, o homem e a história com seu espírito de alienação, ignorância e libertinagem:

a) “Isso para que agora, por meio da Igreja, a multi-forme sabedoria de Deus se dê a conhecer aos principados e autoridades nos céus” (3,10).

b) “Vistam a armadura de Deus, para conseguirem resistir às manobras do diabo. Pois a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, contra as autoridades, contra os dominadores deste mundo, contra os espíritos do mal que se acham nas regiões celestes” (6,11-12).

Os principados e autoridades nos céus? Os espíritos do mal nas regiões celestes? Os céus? Na Bíblia, a concepção do universo atesta a divisão em três camadas: os céus, a terra e o abismo de água abaixo da terra – Xeol (Ex 20,4). Os céus são concebidos como uma ampla abóbada hemisférica que cobre a terra. E o “céu dos céus”, ou a “altura do céu” (Dt 10,14; 1Rs 8,27; Sl 148,4; Is 66,1-2), é mencionado como a morada de Deus: “Javé está no seu Templo santo. Javé tem no céu o seu trono” (Sl 11,4).

Na literatura judaica posterior, surgiu a distinção de uma quantidade de céus ou estágios. O número varia entre três, cinco, sete e dez. O segundo livro de Henoc relata a viagem de Enoque até o décimo céu, onde está Deus. Paulo, um judeu, por sua vez, afirma: “Se é preciso orgulhar-se, ainda que isso não sirva para nada, vou mencionar as visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu” (2Cor 12,1-2). Paulo foi elevado ao terceiro céu, que é identificado com o paraíso (2Cor 12,4).

A carta aos Efésios também afirma que Deus ressuscita os cristãos e os faz assentar-se com Jesus Cristo, nos céus – paraíso:

- a) “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda bênção espiritual nos céus, em Cristo” (1,3).
- b) “E com Cristo ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus com Cristo Jesus, a fim de mostrar, nos tempos que virão, a extraordinária riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus” (2,6).
- c) “Poder que ele fez agir em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, autoridade, poder, soberania e qualquer outro nome que se possa nomear, não só neste mundo, mas também no mundo que há de vir” (1,20-21).

Nessa última citação, está a crença de que a morada de Jesus Cristo ressuscitado é nos céus, acima de todo principado, autoridade, poder, soberania, que têm poder por aliança com o diabo (mal, maligno, demônio, satanás), que tem sua sede nas esferas celestes. Entretanto, em que estágio dos céus o diabo reside? O autor de Ef acredita estar logo acima da terra, ou seja, abaixo da abóbada celeste (3,10; 6,12; cf. 2Hen 29,4-5). Nessa atmosfera inferior, os diabos, anjos infiéis e decaídos, estão presos, mas continuam agindo e ameaçando dominar o mundo com seus espíritos do mal (os principados, as autoridades, os dominadores – os seres sobrenaturais), até tentando e enganando o líder da Igreja (1Tm 3,6-7).

Quanto ao mal que o diabo provoca no mundo, o livro da Sabedoria, escrito por volta do ano 30 a.C., em Alexandria do Egito, já alerta:

Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal (Sb 1,12-15).

Porque Deus criou o ser humano para a imortalidade e o fez à imagem da sua própria eternidade. Pela inveja do diabo, porém, a morte entrou no mundo, e aqueles que a ela pertencem a experimentam (Sb 2,23-24).

Por volta do ano 30 a.C., o Egito passa a ser administrado pelos romanos. Em Alexandria, havia uma importante comunidade judaica, cerca de 150 mil judeus, em uma metrópole de 600 mil habitantes. Com a chegada da administração romana, a comunidade perde seu espaço socioeconômico e sofre com a fome, a perseguição e a violência: “a destruição dos seres vivos”. Muitos judeus abandonam a comunidade judaica, sua cultura e religião, assumindo o modo de vida imposto pelos “principados” romanos, para escapar da “morte”.

A morte, a ruína e a destruição dos seres vivos são provocadas pela “inveja do diabo”. Ou seja, o diabo, os espíritos do mal, a inveja se opõem ao projeto de vida de Deus e dominam os principados e as autoridades do império romano, destruindo as criaturas do mundo. As autoridades romanas, tomadas pelo diabo, até fabricam e fortalecem a religião com seus ídolos (deuses), para legitimar a opressão e os interesses do Estado (Sb 14,11-15,19).

Um século depois, a primeira carta de João, escrita por volta do ano 100 d.C., na Ásia Menor, também denuncia a ação do diabo, chamando-o de Maligno:

Escrevi a vocês, pais, porque vocês conheceram aquele que existe desde o princípio. Escrevi a vocês, jovens, porque são fortes, e a palavra de Deus permanece em vocês, e vocês estão vencendo o Maligno. Não amem o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo – os maus desejos vindos da carne e dos olhos, a arrogância provocada pelo dinheiro – são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo (1Jo 2,14-16).

Éfeso, provável local da redação da primeira carta de João, era uma verdadeira cidade cosmopolita: muitas mercadorias e muitas pessoas circulavam por via terrestre e marítima. Entre elas, os ricos comerciantes e fazendeiros, atraídos a essa cidade pelo seu *status* de cidade livre, uma metrópole com grande riqueza, beleza e glória, sem falar da farra e do prazer. A riqueza era produzida a partir do trabalho escravo. Talvez cerca de dois terços da população fossem pessoas escravizadas, vivendo à margem da sociedade. Os escravos, considerados como uma propriedade qualquer, sofriam muitas vezes injustiça, violência e crueldade. Manipulação, alienação, exploração, violência e morte estavam soltas no mundo.

O autor da 1Jo denuncia com veemência esse mundo possuído pelo Maligno, o espírito do mal – diabo: cobiça carnal, cobiça dos olhos e ganância pelo dinheiro e pelo poder etc. Os cristãos, que acreditam em Jesus feito carne e praticam seu evangelho, devem resistir e lutar

contra o Maligno e seus seguidores. Porque o mundo passa: “No entanto, o mundo e os desejos que vêm dele passam. Por outro lado, quem faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1Jo 2,17). A vida de bens, poder, prazer e honra (helenização) que o mundo oferece é falsa e passageira; a vida que Deus oferece é a sua própria vida: seu Filho Jesus feito carne por amor. Por isso, quem faz a vontade de Deus e pratica o mandamento do amor ao próximo permanece na comunhão com o Deus da vida para sempre.

No mesmo contexto da 1Jo, o autor de Ef também descreve a luta contra o “diabo” ou o “Maligno” (cf. 6,10-20). A imagem é uma batalha contra um exército de poderes sobrenaturais de “espíritos”, chefiados pelo diabo, que age na atmosfera inferior dos céus.

Comentando o texto: *Ef 6,10-20 – Lutar contra o diabo e seus espíritos malignos nos céus*

Na batalha contra o exército dos poderes sobrenaturais dos espíritos malignos, o autor, primeiramente, exorta a comunidade cristã a confiar no poder do Senhor: “Quanto ao mais, fortaleçam-se no Senhor e na força de seu poder” (6,10). Um apelo à confiança, fundada não nas próprias forças, mas na grande potência do Senhor, é salientado na primeira parte teórica da carta (1,3-3,21): “qual é a extraordinária grandeza do seu poder em favor de nós, os que acreditamos, conforme a ação do seu poder eficaz” (1,19).

Pois a batalha é contra os inimigos aguerridos e perigosos, chefiados pelo diabo, por isso a insistência para que os fiéis se preparem para a guerra espiritual (cf. 6,11-12). A luta não é contra o “sangue e a carne”, ou seja, as forças humanas, que são pouca coisa

diante dos espíritos do mal nas regiões celestes, potências supraterrrestres.

Os espíritos do mal, chefiados pelo diabo, são poderosos. Porque eles já seduziram e levaram os membros da comunidade cristã ao pecado:

Vocês estavam mortos por causa das faltas e pecados que cometiam. No passado, vocês viviam nessas faltas e pecados, seguindo o modo de pensar deste mundo, seguindo o príncipe do poder dos ares, o espírito que agora age nos filhos da desobediência. Entre eles, todos nós também andávamos outrora nos desejos de nossa carne, fazendo as vontades da carne e seus impulsos (2,1-3).

O diabo, príncipe do poder dos ares, seduz e domina o mundo, o homem e a história com seu espírito de alienação, ignorância e libertinagem.

Mas Deus, pela sua graça em Jesus Cristo ressuscitado, já fez derrotar os espíritos do mal e os colocar debaixo dos pés de Cristo:

Poder que ele (Deus) fez agir em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita nos céus, acima de todo principado, autoridade, poder, soberania e qualquer outro nome que se possa nomear, não só neste mundo, mas também no mundo que há de vir. Ele colocou tudo debaixo dos pés de Cristo! (1,20-22).

Confiar no poder de Deus e empunhar sua armadura é o dever da comunidade na luta contra os espíritos do mal: “Por isso, vistam a armadura de Deus, para

conseguirem resistir no dia mau e permanecerem firmes depois de superar tudo” (6,13).

O autor descreve seis peças da armadura de Deus à luz do equipamento do legionário romano: cinturão, couraça, calçado, escudo, capacete e espada. A descrição da armadura deve ser também influenciada pelos textos bíblicos que utilizam a imagem do combate vitorioso de Deus em favor do seu povo. Eis aqui o equipamento do combate:

- a) “Usem na cintura o cinturão da verdade” (6,14). A verdade ou fidelidade não só caracteriza a atitude de Deus na intervenção gratuita e eficaz em favor do seu povo, mas também uma qualidade do agir do cristão para realizar a verdade no amor (4,15). “A justiça é a correia de sua cintura, e a fidelidade (verdade) é a correia de seus rins” (Is 11,5), diz Isaías quanto à qualidade do messias para estabelecer um reino de justiça e paz no mundo.
- b) “Vistam a couraça da justiça” (6,14). A justiça é a realização do projeto de Deus para estabelecer o mundo da partilha, fraternidade, solidariedade e paz: “Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. [...] O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal” (Sb 1,13-15); “Tomará seu zelo como armadura e transformará a criação em arma para castigar os inimigos. Vestirá a justiça como couraça, e usará como capacete um julgamento que não se pode subornar. Tomará a santidade como escudo invencível” (Sb 5,17-19).
- c) “Calcem os pés (sandálias) com a prontidão para o evangelho da paz” (6,15). As sandálias são o calçado de um mensageiro itinerante que está

na prontidão ou impulso para o anúncio do evangelho da paz: “Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa notícia, que anuncia a salvação” (Is 52,7).

- d) “Estejam sempre com o escudo da fé, pois com ele vocês conseguirão apagar as flechas inflamadas do Maligno” (6,16). O escudo da proteção é identificado com a fé alimentada pela prática do amor ao próximo (1Ts 1,3), que sustenta a fidelidade e a caminhada com o Deus da justiça. “Pois vejam: os perversos curvam o arco, ajustando a flecha na corda, para atirar ocultamente nos corações retos. Javé examina o justo e o perverso. Sua alma odeia quem ama a violência. Fará chover ciladas, fogo e enxofre sobre os perversos, e um vento fortíssimo é a porção de sua taça” (Sl 11,2.5-6), entoa um salmista com a fé no escudo do Deus da justiça.
- e) “Peguem o capacete da salvação” (6,17). O capacete era necessário para proteger a cabeça. Ele é aqui qualificado como uma arma protetora e segura da salvação que anima o cristão na esperança da vitória final sobre o inimigo, com a intervenção do Deus da justiça: “Javé viu tudo isso e lhe pareceu mau, pois o direito não existe mais. Viu que não havia ninguém. Espantou-se, porque não havia quem fizesse uma intervenção. Então, seu próprio braço lhe trouxe a vitória, e sua própria justiça o sustentou. Ele se vestiu de justiça como de couraça, e colocou na cabeça o capacete da salvação” (Is 59,15-17).
- f) “A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus” (6,17). A Palavra de Deus é uma espada bem cortante e eficaz que combate e executa o

juízo dos injustos. O cristão, como servo movido pelo Espírito de Jesus Cristo, deve acolher a Palavra de Deus e assumir o compromisso de combater os espíritos de alienação, libertinagem e injustiça: “Ele fez da minha língua uma espada afiada e me escondeu com a sombra de sua mão. Ele me transformou numa seta pontiaguda e me guardou na sua caixa de flechas. Ele me disse: ‘Você é meu servo, Israel, em quem eu me glorificarei’” (Is 49,2-3; cf. Hb 4,12).

Os cristãos são exaltados e ordenados a vestir a armadura de Deus para resistir aos ataques dos espíritos malignos, que podem ameaçar ou comprometer sua fidelidade e caminhada com Cristo Jesus.

Em seguida, e sem metáforas, o autor recomenda a oração no combate contra os malignos: “Rezem no Espírito em todo tempo, com orações e súplicas de todo tipo. Para isso, vigiem com toda a perseverança, rezando por todos os santos” (6,18). O Espírito é um agente divino dinâmico que se derrama, anima todas as pessoas que traduzem a fé de Jesus Cristo encarnado em obras de amor ao próximo, para formar a irmandade e a fraternidade, e caminha com elas. A oração constante no Espírito, na vigilância e na perseverança, significa, na prática, comprometer-se e sustentar-se na luta contra os espíritos do mal que provocam e alimentam a injustiça e a morte.

No final, e com base na autoridade de Paulo, o autor menciona pela terceira vez a palavra do prisioneiro Paulo para fortalecer a missão cristã (3,1; 4,1): “Rezemos também por mim, para que eu, quando abrir a boca, me seja concedida a Palavra e eu revele com ousadia o mistério do evangelho do qual sou embaixador na prisão. Que eu fale dele com ousadia, como é meu dever”

(6,19-20). Apesar das dificuldades, o autor enfatiza o dever do missionário de anunciar, com ímpeto e ousadia, o evangelho do amor, da justiça e da paz, acreditando na vitória final prometida aos que perseveram.

Afinal de contas, como entender essa exortação da luta contra os espíritos do mal? Salienta-se que não se trata de luta em sentido real, pois o combate da comunidade cristã é contra os espíritos malignos (os dominadores do mundo de trevas), chefiados pelo diabo, que habitam nas regiões celestes. As armaduras de militância cristã são verdade, justiça, zelo, fé, salvação e Palavra de Deus. Não é uma luta frontal contra as autoridades do império romano, dominado pelos espíritos do mal.

Aparece, mais uma vez, a situação real da comunidade cristã no fim do séc. I, na Ásia Menor. Na sociedade greco-romana daquele tempo, não se concebia um mundo sem os poderosos ricos, os pobres e os escravos (60 a 70% da população), como tampouco se podiam imaginar mudanças no sistema de relações socioeconômicas estabelecidas. Era quase impossível promover a luta, em sentido real, contra os poderosos do império romano.

O que a comunidade cristã propõe é promover o mistério salvífico de Jesus Cristo crucificado, observando sua palavra e prática, sobretudo na família e na comunidade cristã: praticar o amor ao próximo e a justiça. Exorta as pessoas a seguir o evangelho de Jesus Cristo e a mudar, pacífica e gradativamente, as relações de injustiças e desigualdade. O fato de os cristãos usarem o termo *senhor* (*kyrios*) para Jesus de Nazaré e praticarem as suas palavras já é um desafio e uma resistência ao Império, no qual o título *senhor* (*kyrios*) é aplicado aos imperadores romanos.

Aprofundando: *Diversas formas de resistência contra o mundo do mal*

Os primeiros quatro selos em Ap 6 apresentam a realidade opressora e truculenta do império romano, dominado pelos espíritos do mal. A fonte do mal é a ambição de poder e conquista (primeiro selo), que gera a guerra e a competição (segundo selo), o tributo, o comércio abusivo e a fome (terceiro selo) e, por fim, a doença e a morte (quarto selo):

E eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap 6,8).

Historicamente, o império romano tornou-se mais poderoso, controlador e ameaçador no fim do primeiro século, no tempo do livro do Apocalipse:

A Besta (imperador) também faz com que todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, recebam uma marca na mão direita ou na frente. Assim, ninguém pode comprar nem vender; a não ser que tenha a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (Ap 13,16-17).

O poder ameaçador do Império residia não só nos recursos militares, mas também no controle econômico, social, ideológico e religioso.

O império romano operava na sociedade escravagista. Com a gana de produzir bens ao máximo, os poderosos exploravam os corpos dos escravizados, que

constituíam cerca de dois terços da população das cidades greco-romanas, como Éfeso. No mundo escravagista, dividido em classes, ordens, honra e dignidade, os grupos dominantes aprisionavam e controlavam os escravos com injustiça, violência e morte.

A religião imperial também fazia parte do aparelho do Estado de controle e de opressão. O Império criava e mantinha a religião imperial, com seus deuses, sua teologia e sua prática religiosa, com muitas imagens douradas, grandes santuários e pomposas liturgias para manipular e controlar o povo a serviço de seus próprios interesses. A teologia imperial alegava e propagava que os deuses de Roma estavam ao lado do império romano e desejavam seu domínio sobre o mundo: o direito de ocupar a terra, de escravizar povos e obter vastas riquezas através de comércio e tributos, e de impor o culto aos seus deuses (Ap 18).

Acima de tudo, o culto ao Imperador tinha um papel importante na religião imperial. Um imperador falecido considerado digno de honra podia se tornar uma divindade. Desde o tempo de Augusto (27 a.C.-14 d.C.), todos os imperadores eram divinizados e cultuados. No fim do séc. I, tempo de Jo, 1Pd, Ap etc., o imperador Domiciano obrigou seus súditos e os povos conquistados a prestar-lhe culto, com desejo de centralizar nele o poder e fortalecer a submissão de todos. A adoração ao imperador vivo como deus foi estabelecida por temor.

O domínio do império romano era bem consolidado com o Imperador divinizado com título de Senhor, *kyrios*, e proclamado “filho divino” e “salvador”, por ser quem estabeleceu na terra a salvação e a paz definitiva: a *Pax Romana*. No tempo do Novo Testamento, não se concebia uma mudança sem a sociedade escravagista e a religião imperial, como tampouco se podiam imaginar

mudanças no sistema de relações socioeconômicas estabelecidas.

Exatamente nesse contexto, os cristãos confessavam que Jesus era Senhor, tomando o título *kyrios* e aplicando-o a uma das vítimas, a um dos muitos crucificados pelo Imperador romano, o que podia produzir inquietude e até perseguição do Império. Ainda, eles construía uma sociedade alternativa (a assembleia, *ekklēsia*), baseada em comunidades igualitárias (Gl 3,26-28), opostas ao mundo do imperialismo romano.

Assim, explica-se, em parte, por que as comunidades cristãs sofreram com as perseguições, violências e mortes, provocadas pelos poderosos do Império: “Vi que a mulher (Império) estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus” (Ap 17,6a). Algumas comunidades relatam, no fim do séc. I d.C., seus problemas e sofrimentos e, ao mesmo tempo, diversas formas de resistência ao imperialismo romano.

1) A comunidade da primeira carta de Pedro (1Pd)

Os destinatários da primeira carta de Pedro estavam espalhados em todas as regiões da província romana da Ásia Menor. Eram comunidades pobres e sofridas. A grande maioria delas era formada por migrantes estrangeiros (1Pd 1,1; 2,11): alguns eram forasteiros indesejados que não possuíam direito algum; outros eram estrangeiros residentes que podiam ter moradia, mas também não eram bem-aceitos pela população nativa, nem tinham direito de cidadania. Também havia pessoas escravizadas fazendo parte das comunidades (1Pd 2,18-20). Elas sofriam humilhações, injúrias, perseguições por serem estrangeiras, pobres e cristãs (1Pd 4). Procuravam, porém, sobreviver nas estruturas e

condições sociais de sua época, testemunhando o amor ao próximo e a justiça:

Em atenção ao Senhor, submetam-se a toda instituição humana: seja ao rei como soberano, seja aos governadores como enviados dele para punir os malfeitores e premiar os que fazem o bem. Porque a vontade de Deus é que, fazendo o bem, vocês fechem a boca dos insensatos e ignorantes. Comportem-se como pessoas livres, não usando a liberdade para encobrir o mal, mas como servos de Deus. Respeitem a todos, amem aos irmãos, temam a Deus e respeitem o rei (1Pd 2,13-17).

O fato de os cristãos proclamarem Jesus como Senhor e alegarem o poder dado por Deus às instituições humanas produz crítica e resistência ao império romano. Só Deus é absoluto, e o poder das autoridades romanas é para o serviço da justiça (Sb 6,1-11)! As autoridades são vistas como responsáveis pelo bem-estar da população e por combater as práticas injustas. E os cristãos, como servos de Deus, devem discernir, criticar e resistir às práticas prejudiciais ao todo da sociedade, sobretudo às pessoas sem direitos, rejeitadas, marginalizadas.

2) *A comunidade joanina (Jo)*

Por viver o projeto do amor de Jesus, o bom pastor (Jo 10,1-21), a comunidade joanina viveu uma situação de constante conflito. Além dos conflitos internos (Jo 13,1-8), enfrentou forte oposição do império romano, com o culto ao imperador, e dos judeus fariseus, que expulsaram os judeus cristãos das sinagogas (Jo 9): “Eu tenho falado todas essas coisas, para que vocês não fiquem escandalizados. Não excluir vocês das sinagogas.

E vai chegar a hora quando alguém, matando vocês, julgará estar prestando culto a Deus” (Jo 16,1-2). A perseguição do mundo (o Império e os judeus fariseus: cf. Jo 15,18-27) fez a comunidade joanina fortalecer, ainda mais, o laço de amor e solidariedade entre as pessoas:

Da forma que meu Pai me amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem os meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e permaneço no amor dele. Estou falando essas coisas a vocês para que a minha alegria esteja em vocês, e a alegria de vocês seja completa. Este é o meu mandamento: Amem-se uns aos outros, assim como eu amei a vocês. Ninguém tem amor maior do que alguém que dá a vida pelos amigos (Jo 15,9-12).

O sinal concreto da vivência cristã é o amor ao próximo. Com o amor de Jesus, a comunidade joanina se dedica a formar comunidades de fraternidade e solidariedade nas cidades do Império, como uma possibilidade de organização comunitária e social alternativa ao mundo de injustiça e perversidade. É a vivência que subverte o sistema social do Império ou, no mínimo, resiste a ele.

3) A comunidade do livro da Apocalipse (Ap)

O livro do Apocalipse (revelação), escrito no fim do século, tinha como objetivo animar as sete comunidades (Ap 2-3) que sofrem com as perseguições do Império (o trono de Satanás) e dos judeus fariseus (a sinagoga de Satanás). O Apocalipse revela que Deus vai agir na história, julgando e destruindo o mal, para implantar

o seu Reino. No livro, há vários cânticos de vitória sobre o Império (Besta, Prostituta, Babilônia), que seduz os povos com seu luxo e arrogância, construindo sua riqueza e poder com a injustiça, a violência e o sangue dos inocentes:

Depois disso, ouvi algo como voz forte de grande multidão no céu, aclamando: “Aleluia! A salvação, a glória e o poder são do nosso Deus, porque seus julgamentos são verdadeiros e justos. Porque ele julgou a grande Prostituta que corrompeu a terra com sua prostituição. Ele vingou o sangue dos seus servos, que as mãos dela derramaram” (Ap 19,1-2).

O Império decreta sangrenta perseguição contra aqueles “rebeldes” que se recusam a adorar o Imperador (Ap 13,12-18) e a seguir o caminho de injustiça e perversão. Ao entoar os cânticos de vitória sobre a “grande Prostituta”, o Apocalipse anima as comunidades, insistindo na esperança que devem cultivar e na resistência que precisam manter.

Quase dois mil anos se passaram, mas os espíritos do mal continuam seduzindo e se encarnando nos poderosos de hoje, e devorando as pessoas inocentes pelas guerras, pelo trabalho escravo, pelas economias selvagens, pela fome, pela violência etc. Como os cristãos podem lutar contra o mundo do maligno, não só em sentido espiritual, mas também em sentido real e concreto? As injustiças e desigualdades crescem a cada momento, dentro e fora das comunidades cristãs.

BIBLIOGRAFIA

- DUFF, Paul B. *Jesus Followers in the Roman Empire*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2017.
- FOULKES, Irene. Os códigos de deveres domésticos em Colossenses 3,18-4,1 e Efésios 5,22-6,9: estratégias persuasivas, reações provocadas. *Ribla*, v. 55, p. 52-80, 2006/3.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.
- LINCOLN, Andrew T. Ephesians. In: *Word Biblical Commentary*, v. 42. Dallas: Word Books Publisher (Nelson), 1990.
- MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- PENNA, Romano. *As primeiras comunidades cristãs: pessoas, tempos, lugares, formas e crenças*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- RIEGER, Joerg. *Cristo e Império: de Paulo aos tempos pós-coloniais*. São Paulo: Paulus, 2009.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- SEIBERT-CUADRA, Ute. A mulher nos evangelhos sinóticos. *Ribla*, v. 15, p. 68-84, 1993/2.
- WINN, Adam (ed.). *An Introduction to Empire in the New Testament*. Atlanta: SBL Press, 2016, p. 196-201.

SUMÁRIO

- 5 Agradecimentos
- 7 Apresentação
- 11 Introdução à carta aos Efésios – Nova humanidade em Cristo: entendendo a carta aos Efésios
- 12 Autor, destinatário e data
- 13 Conhecendo a realidade
- 16 Conhecendo os problemas
- 18 Conhecendo a carta aos Efésios
- 19 Mensagens principais
- 21 Lembretes para as reuniões
-
- 23 **Primeiro encontro: A salvação de toda a humanidade em Jesus Cristo**
- 28 Orientações para o primeiro encontro
Situando o texto: *O mistério de Cristo revelado por meio do evangelho*
- 33 Comentando o texto: *Ef 3,1-21 – O mistério de Deus, o evangelho e o amor de Cristo*
- 39 Aprofundando: *Várias imagens de Jesus Cristo*
-
- 45 **Segundo encontro: Unidade na diversidade**
- 50 Orientações para o segundo encontro
- 50 Situando o texto: *O patronato, a associação, os cargos e os conflitos*
- 55 Comentando o texto: *Ef 4,1-16 – A vocação a serviço da comunhão e da fraternidade*
- 61 Aprofundando: *Conflitos de funções nas comunidades*

- 67 **Terceiro encontro: A nova humanidade em Cristo**
- 72 Orientações para o terceiro encontro
- 72 Situando o texto: *Espírito da “libertinagem e impureza” no mundo greco-romano*
- 77 Comentando o texto: *Ef 4,17-32 – A conversão do velho ao novo*
- 81 Aprofundando: *O espírito da verdade segundo Paulo*
- 87 **Quarto encontro: Amor, respeito e parceria entre mulheres e homens**
- 93 Orientações para o quarto encontro
- 93 Situando o texto: *Casa, família, homem e mulher*
- 97 Comentando o texto: *Ef 5,21-33 – “Sejam submissos uns aos outros no temor de Cristo”*
- 101 Aprofundando: *A mulher no movimento de Jesus de Nazaré*
- 107 **Quinto encontro: Perseverar no evangelho do amor, da justiça e da paz!**
- 112 Orientações para o quinto encontro
- 112 Situando o texto: *A luta contra o diabo e seus espíritos do mal nos céus*
- 117 Comentando o texto: *Ef 6,10-20 – Lutar contra o diabo e seus espíritos malignos nos céus*
- 123 Aprofundando: *Diversas formas de resistência contra o mundo do mal*

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço da pastoral bíblica junto com o povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia.

Cursos intensivos e extensivos (presenciais e *on-line*)

O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades: Introdução ao Primeiro e Segundo Testamentos; Aprofundamento; Espiritualidade Bíblica; Tema do Mês da Bíblia; Hebraico e Grego etc.

Serviços às igrejas locais e outras entidades

A equipe do Centro Bíblico Verbo presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Produção

O Centro Bíblico Verbo prepara subsídios para o Mês da Bíblia: livro; "Bíblia Gente" (Site); vídeo (YouTube); artigo (blog e site) etc.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187-1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo



CENTRO BÍBLICO PAULUS

O Centro Bíblico PAULUS é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

O Centro Bíblico PAULUS atua em cinco níveis:

1. **Editorial**, com traduções da Bíblia e subsídios de estudo.
2. **Formativo**, com cursos bíblicos oferecidos sobretudo nas livrarias PAULUS.
3. **Pastoral**, com organização e suporte a eventos e iniciativas bíblicas.
4. **Espiritual**, com proposta de métodos de leitura orante da Bíblia.
5. **Eclesial**, com a oferta de serviços às igrejas locais para a animação bíblica da pastoral.

Como destinatários, tem todas as pessoas, no espírito do apóstolo Paulo, com atenção especial a quem tem menos oportunidade de ler e aprofundar a Bíblia. A metodologia é fazer a Palavra de Deus dialogar com todas as dimensões do ser humano (mente, vontade, coração), valorizando toda forma de comunicação: relações, imagens, artes, música, redes sociais etc.

Além das atividades relacionadas às publicações de Bíblias, livros e subsídios bíblicos, o Centro Bíblico PAULUS continua a oferecer gratuitamente, nas plataformas digitais, para domingos, solenidades e festas, o programa "Palavra Viva", que consiste de vídeos com breve comentário ao Evangelho do dia. Ao celebrar o Ano Bíblico da Família Paulina e os 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil, reafirma também seu compromisso para que a Palavra continue sendo a animação da vida e de toda a pastoral.



"A Bíblia é tudo para o nosso apostolado:
luz, caminho ou método e vitalidade.
Nós somos a voz de Deus, nós somos os seus repetidores,
nós somos os seus tipógrafos, nós somos os seus mensageiros,
os seus carteiros, que levam a sua carta às pessoas."

(Pe. Tiago Alberione, 1933)



